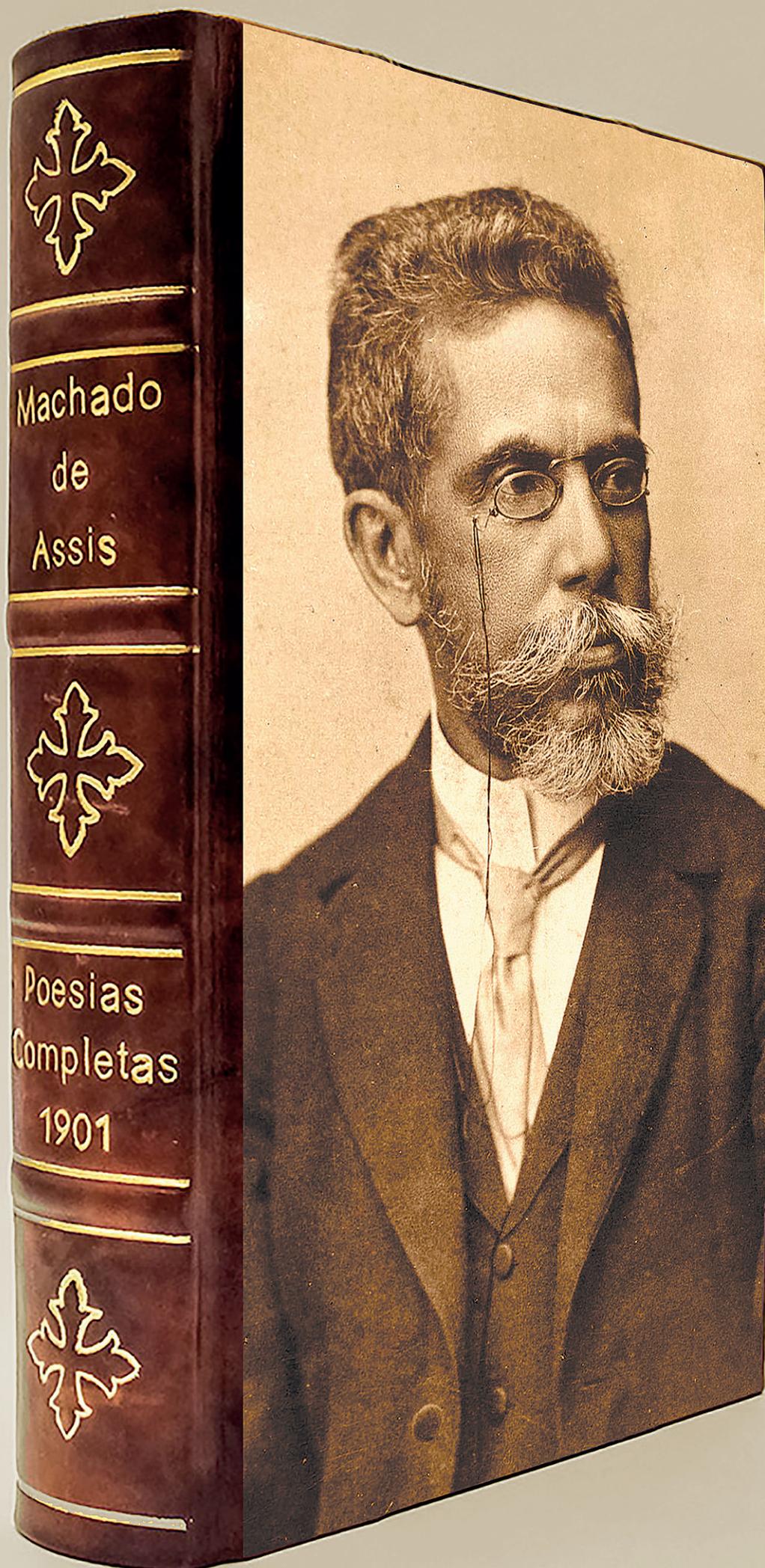




ACESSE:

www.jornaldeletras.com.br



Poesias Completas de Machado de Assis

Nenhum outro escritor brasileiro foi tão estudado quanto Machado de Assis (1839-1908). Sua vasta produção, em constante movimento, se reinventou em vários momentos. Uma de suas últimas publicações em vida, a coletânea *Poesias Completas*, editada pela Livraria Garnier, em 1901, está completando 120 anos. A intenção, na época, de reunir, num único volume, o conjunto de seus quatro livros de poemas (*Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais*) era trazer ao grande público a obra poética da juventude de um dos maiores escritores de sua geração. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

J Editorial

Certamente, tem sido sempre uma grande injustiça. As críticas que são feitas às poesias de Machado de Assis, como se fossem desprovidas de qualidade. Na nossa opinião, com o prestígio de ser o maior escritor brasileiro, não podemos tirar os méritos literários de Machado, mesmo quando se trata de poesia. Não é preciso ir muito longe. Queremos nos referir ao clássico À Carolina, hoje gravado na sepultura de Machado, no Mausoléu da Academia Brasileira de Letras. Verso inspirado, muito bem construído, honra a nossa literatura. Feito “aos pés do leito derradeiro”, comove ao mais insensível dos leitores. Esse é o tema que desenvolvemos no número de hoje, como homenagem merecidíssima ao autor que chamamos de “O Bruxo”.

O Editor.



O **JORNAL DE LETRAS** antecipa os cumprimentos aos acadêmicos aniversariantes do próximo mês de junho: Cândido Mendes, Fernando Henrique Cardoso, Antônio Carlos Secchin, Zuenir Ventura, Geraldo Carneiro e Marcos Vilaça.

J Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editadora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: Antônio Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

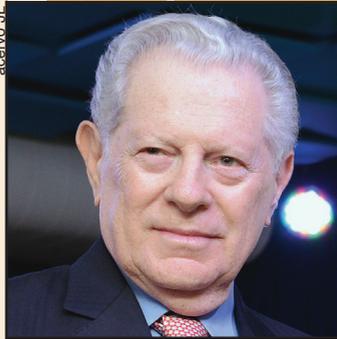
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O **JORNAL DE LETRAS** É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

J Opinião

Arnaldo Niskier



Futuro a distância

O uso de inovações tecnológicas no ensino foi acelerado pela pandemia do novo coronavírus. Trouxe, a reboque, o reforço da valorização de habilidades essencialmente humanas, que (ainda) não foram substituídas pela máquina: criatividade, empatia,

liderança e empreendedorismo, entre outras competências tão importantes para o profissional desse “novo” normal.

As tendências para o futuro tornarão a educação onipresente, com o modelo convencional atuando junto com a formatação on-line, praticada nos cursos de educação a distância (EAD). Boa parte das escolas vai caber nos dispositivos móveis, tornando possível respeitar o ritmo de aprendizagem de cada aluno. Caberá ao professor de amanhã o papel de curador, escolhendo os conteúdos, os meios e fazendo a conexão entre eles.

A modalidade EAD não é nova. Há registros do século passado, mostrando sua aplicação em países desenvolvidos. Aqui no Brasil é que as coisas sempre foram lentas. Ainda hoje se questiona o seu emprego, por uma justificativa altamente discutível: o medo da pilantragem.

Os problemas para a incorporação da tecnologia pela escola brasileira incluem muitas falhas na infraestrutura, além da formação docente. Um dos tradicionais obstáculos à realização dos programas pensados é a escassez de recursos financeiros. Há um discurso na praça afirmando que não é esse o maior dos nossos problemas. O que pesa no processo é a falta de qualidade operacional. Cita-se como maior exemplo, no caso do magistério, o fato comprovado de que melhores salários não são determinantes de uma grande mudança. Se os salários fossem dobrados, nem por isso a qualidade seria estabelecida de imediato. Isso depende de uma série de fatores, alguns até bastante complexos.

Hoje, os investimentos na função educação alcançam 6,3% do Produto Interno Bruto. Deveriam chegar a 10% em escala nos anos seguintes. São recursos dignos de países industrializados, mas o que nos impaciente é que não se sente um adequado planejamento sobre o que vem por aí.

Qual o milagre que se espera para acabar com os 12 milhões de analfabetos adultos hoje existentes? O que fazer para que a educação infantil deixe de ser prioritária só nos discursos e passem a existir as creches tantas vezes prometidas? O ritmo de trabalho do que temos visto não nos deixa nada otimistas.

A procura por cursos de formação de docentes a distância foi estimulada por lei. Há mais de 20 anos, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) tornou obrigatória a formação em ensino superior para professores da educação básica. Como muitos docentes já davam aula sem diploma universitário, o curso remoto acabou sendo uma boa opção – a maioria dos alunos de cursos a distância no Brasil trabalha e estuda ao mesmo tempo.

Ao longo da história, a escola foi adaptando-se às novas tecnologias. Num primeiro momento, a educação formal era baseada em aulas expositivas, com o enfoque no discurso do professor. Atualmente, temos diversas mídias educacionais. O grande desafio é saber utilizá-las de modo eficiente e permitir que elas contribuam com as práticas pedagógicas.

“Amar é ter um pássaro pousado no dedo.

Quem tem um pássaro pousado no dedo sabe que, a qualquer momento, ele pode voar.”

Rubem Alves

Intercâmbio com Israel

Por Arnaldo Niskier

Com os recursos da internet, foi realizada uma live da Academia Brasileira de Letras com a Academia de Letras e Humanidades do Estado de Israel. Do lado brasileiro, participaram os imortais Marco Lucchesi (presidente), Arnaldo Niskier, Celso Láfer, além do presidente da Academia Brasileira de Ciências, Luís Davidovich. Entre os israelenses, Madame Nili Cohen (presidente), os professores Sergio Hart, Yosef Kaplan e Moti Segev, além das professoras Gália Finzi e Jô Cohen. Foi uma saudável troca de ideias, para ativar o intercâmbio científico e tecnológico entre os dois países amigos.

Da minha parte, recordei o encontro realizado em 1968, no Rio de Janeiro, por iniciativa do empresário Adolpho Bloch, na época guindado à presidência da Sociedade Brasileira dos Amigos do Instituto Weizman de Ciências. Vieram ao Brasil, com muito proveito, os cientistas Amos de Shalit, Michael Feldman, Chaim Pekeris (pai do computador Golem) e Amos Chorev. Esse intercâmbio prosseguiu vinte anos depois, quando veio ao Rio o genial cientista Albert Sabin, autor da vacina oral contra a poliomielite, e que, na ocasião, presidia o Instituto Weizman de Ciências. Continuou a troca de informações.

O cientista Moti Segev falou agora na realização de projetos envolvendo as cidades do Rio, São Paulo, Pernambuco e Pará, valorizando a dimensão internacional das Academias. Quando a palavra foi dada ao acadêmico Celso Láfer, lembrou do potencial da Universidade Hebraica de Jerusalém e também dos importantes núcleos científicos de Haifa e Tel Aviv.

Falei das variadas conquistas científicas do Estado de Israel e como isso poderia estar beneficiando o Brasil. Um bom exemplo é a existência do soro nasal de combate à Covid, remédio que é único no mundo. E como o Technion de Haifa desenvolveu o exame de sangue que pode detectar diferentes tipos de câncer. E outras inovações do Curlight Laboratórios e do Given Imaging Laboratory, com as pílulas que podem descobrir anomalias no trato digestivo. São dezenas de projetos de grande êxito.

Por fim, fiz referência ao CHCJ (Centro de História e Cultura Judaica), presidido por Daniel Miguel Klabin, que poderá estar presente nesse importante trabalho de intercâmbio. Que venham as ações objetivas.



Live da Academia Brasileira de Letras com a Academia de Letras e Humanidades do Estado de Israel.

Histórias da Academia na correspondência de Machado

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Talvez a praticidade do e-mail, o seu papel de indiscutível facilitador da comunicação, lhe retire o caráter de solenidade de que se revestia o envelope chegado pelas mãos do carteiro. A impressão que dá é a de que não se fazem mais confidências profundas, não se juram afetos, como os que ficaram registrados em papel de carta. Nessa perspectiva é que o estudo da correspondência de certas personagens nos revela fatos e sentimentos de outra maneira não resgatáveis da discrição a que lhes relegaria o escoar do tempo.

Repositório dos mais relevantes é o conjunto da correspondência de Machado de Assis. Na “última forma” da iniciativa de sua publicação, constando agora da totalidade do que se pôde localizar, o material foi reunido, organizado e comentado por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, sob coordenação e orientação de Sérgio Paulo Rouanet, em quatro alentados volumes que já se vão pela segunda edição (2019). Assim arre-mata-se com sucesso trabalho que vem de 1932, quando teve início a publicação das cartas de Machado, a interlocutores selecionados (caso de Joaquim Nabuco e Salvador de Mendonça), o que, na época, deveu-se a esforços de pesquisa de Fernando Nery, secretário da Academia Brasileira de Letras.

Interessante é que Machado, ao conceder permissão para divul-

gação da correspondência pessoal após seu falecimento, duvidou da utilidade da providência. Palavras suas, em carta de abril de 1908 a José Veríssimo: “não me parece que de tantas cartas que escrevi a amigos e estranhos se possa apurar nada de interessante.” Tirada de amarga ironia, como era típico do mestre. A verdade é que o estudo das cartas revela a biógrafos e a interessados muito mais do que supunha Machado, naqueles meses tristes que lhe antecederam a morte.

Tome-se como objeto de pesquisa, por exemplo, as diligências para instalação da Academia Brasileira de Letras, por certo um dos motivos do interesse da Casa na reunião do material (não fosse Machado o literato que foi). O tomo III da publicação, referente aos anos de 1890 – 1900, revela um Machado de Assis empenhado na organização inicial do grêmio, elogiando a iniciativa de Lúcio de Mendonça, expedindo convites a literatos para ocupar cadeiras, enumerando as providências para a sessão inaugural, o incidente com Graça Aranha (que inicialmente recusou o convite e que, admoestado pelo presidente, responde, desculpando-se e aceitando). A inauguração, pela mesma época, da estátua de José de Alencar, pai de Mário, correspondente e amigo diletto de Machado. E ainda tomamos conhecimento de curioso incidente: em bilhete datado de 19 de julho de 1897, Olavo Bilac, declamador emérito, desculpa-se com o “caro mestre e ilustre presidente da Academia de Letras” por ser-lhe “absolutamente impossível” “dizer versos” na sessão de instalação, “como havia prometido”. Estando Bilac presente à sessão inaugural, o que terá sucedido ao poeta para deixar de falar em ocasião tão solene? Um problema na voz, hipótese levantada por Magalhães Jr. no seu *Vida e obra de Machado de Assis* (v. 4)?

Sendo a Academia Brasileira de Letras pródiga em fatos de interesse, um tal incidente quem sabe não se preste a tema para outros *Farda, Fardão, Camisola de Dormir*, de Jorge Amado, ou *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras*, de Jô Soares? É esperar para ver.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

● O PRESIDENTE da Academia Mineira de Letras, o jornalista e escritor Rogério Faria Tavares, tomou posse como membro correspondente da Academia de Letras da Bahia (ALB), fundada em 1917.

● O LIVRO *No Labirinto do Cérebro* (Ed. Objetiva), do neurocirurgião Paulo Niemeyer Filho, será adaptado para um longa documental e uma série de ficção. Os projetos são da produtora Sonia Rodrigues, filha de Nelson Rodrigues. O seriado já tem título provisório – O Instituto – e contará o dia a dia de um hospital voltado para a neurocirurgia.

● UMA DAS maiores autoras da literatura infantojuvenil do Brasil, a acadêmica Ana Maria Machado lançou três novos livros: *Igualzinho a Mim*, *A História que Eu Queria* e *O Mesmo Sonho*. Todos, com a chancela da editora Moderna, destacam a solidariedade.

● PARA CELEBRAR seus 90 anos, no dia 18 de junho, o acadêmico Fernando Henrique Cardoso lança *Um Intelectual na Política*, pela Companhia das Letras.

● UM TESTEMUNHO de fé. Este é o enredo do livro *Desatadora dos Nós – história da construção da Capela de Búzios* (Editora MM), lançado pela Lugar-Tenente da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, Isis Penido.

● A ORQUESTRA Sinfônica Juvenil Carioca Santa Cruz, sob a regência de Vinícius Louzada, gravou a música Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Gilberto Gil, para o canal “Orquestra nas Escolas”, no Youtube, em homenagem a Monteiro Lobato.

● DEPOIS DE cinco anos de pesquisa, o escritor Paulo Cesar de Araújo lançou o primeiro volume de *Roberto Carlos, Outra Vez* (Ed. Record), biografia recheada de letras de músicas do Rei.

● *GARIMPO DE ALMAS* (Editora Tordesilhas) é o título do romance de estreia de Stepan Nercessian, presidente do Retiro dos Artistas, ex-vereador do Rio por duas vezes (2005 e 2010) e ex-deputado federal (2011 a 2015).

● HAROLDO COSTA (texto) e Ikenga (ilustração) preparam *A História do Samba Carioca em Quadrinhos* e *A História do Samba Fluminense em Quadrinhos*, ambos com versão física e para download.

● A OBRA *Fotobiografia de João Cabral de Melo Neto* (Ed. Verso Brasil), organizada por Eucanaã Ferraz e coordenada por Valéria Lamego, reproduz mais de 500 imagens relacionadas ao autor pernambucano, desde polaroides familiares a fotos de suas andanças pelo mundo, além de documentos diplomáticos, listas e diversos manuscritos que incluem o rascunho de um poema inédito.

● NA OBRA *Dona Ivone Lara: sorriso negro* (Editora Cobogó), a jornalista e historiadora Mila Burns conta a história de “Sorriso Negro”, álbum lançado em 1981 pela sambista. A publicação mostra o impacto do disco nos movimentos negros e as estratégias da compositora para conquistar o mundo masculino do samba, tornando-se referência para futuras gerações.

● A COLETÂNEA *O Que Você Precisa Saber sobre Shakespeare Antes Que o Mundo Acabe* (Ed. Nova Fronteira), organizada por Fernanda Medeiros e Liana de Camargo Leão, reúne 57 textos diversificados de autores brasileiros e estrangeiros, numa pluralidade de vozes que incluem, entre outros, a juíza Andréa Pachá, a atriz Vera Holtz e o acadêmico Geraldo Carneiro.

● REGISTRADOS em belo livro de arte, com organização de Neusa Mendes, os 40 anos de carreira do famoso escultor capixaba José Carlos Villar. A obra, em edição bilíngue, reúne textos de críticos, artistas e professores.

● COM PREFÁCIO assinado pela jornalista Flávia Oliveira, *Kamala Harris*, de Dan Morain, foi lançado pela Editora Agir, com tradução de Maria Luíza Borges e Adalgisa Campos da Silva.

● O PROJETO Língua Viva-Imagens em Movimento em Debate, desenvolvido em conjunto por linguistas capixabas e artistas indígenas do tronco Tupi, disponibilizou na internet um acervo digital com obras fotográficas de artistas tupinikins, somado a um conteúdo verbal exclusivo com debates de pensadores indígenas contemporâneos.

● NA COLETÂNEA de ensaios *A Ficção Equilibrada*, editado pela Relicário/PUC-Rio, a professora e pesquisadora Vera Lúcia de Figueiredo analisa questões, como o esquecimento e o silêncio cúmplice.

CORRUPTOS LEVAM A LIBERDADE E A JUSTIÇA PARA TOMAR UM PORRE NO BAR DA ESQUINA



● O PROFESSOR e escritor baiano Rodrigo Rossoni, radicado no Espírito Santo, lançou o livro *Olhares Comprometidos – fotografia e identidades no MST* (Editora UFBA).

● EM *Os Inovadores* (Ed. Intrínseca), o jornalista americano Walter Isaacson analisa a história da revolução digital através de suas figuras marcantes, como Alan Turing e Steve Jobs.

● OS 850 ANOS da Catedral de Notre-Dame são o mote da jornalista parisiense Agnès Pourier para investigar as modificações históricas do monumento, na obra *Notre-Dame: a alma da França*, lançada no Brasil pela Editora DBA, com tradução de Ana Guadalupe.

● ATRAVÉS DA poesia e de suas imagens, *O Sopro do Leão* (Ed. Olho de Vidro), de Marcos Bagno, promove reflexões acerca dos afetos e descobertas dos jovens.

● TODO ILUSTRADO em xilogravuras, a Editora Globinho lançou o livro do premiado Jian-Xin Zhou – *O Pequeno Papa-Figo*, com tradução de Cristiane Pacanowski.

● *RECORDAÇÕES da Minha Inexistência*, livro de memórias da historiadora e jornalista americana Rebecca Solnit, foi lançado pela Companhia das Letras, com tradução de Isa Mara Lando.

● DESDE ABRIL, o Centro de Ciências da Saúde da UFES, em

parceria com as universidades Ludwig-Maximilians (Munique), Católica de Moçambique, AAB de Kosovo e Federal do Paraná, oferece a disciplina on-line “Desafios em Saúde Global e Saúde Única”. As aulas são ministradas por 44 professores de 22 instituições de ensino.

● JÁ ESTÁ À VENDA no Brasil o livro *Juntos Sempre* (Intrínseca), escrito a quatro mãos por Carole e Carlos Ghosn, ex-presidente da Nissan, que escapou da prisão domiciliar, em Tóquio, para se refugiar no Líbano.

● O FESTIVAL Internacional de Arte Naif (FIAN) será realizado em formato híbrido, do dia 23 de maio a 31 de dezembro, reunindo grandes nomes nacionais e internacionais do naif, na cidade de Guarabira, na Paraíba.

● 20 ANOS APÓS seu lançamento, *Blonde*, o elogiado romance da escritora americana Joyce Carol Oates, inspirado na vida de Marilyn Monroe, ganhou nova edição, publicada no Brasil pela Harper Collins, com tradução de Luisa Geisler.

● A QUADRINISTA americana Jen Wang conquistou dois prêmios Eisner, o mais importante do mercado dos EUA, com o recém-lançado livro *O Príncipe e a Costureira* (Ed. Darkside). A obra discute, por meio dos quadrinhos, a identidade de gênero com verniz de conto de fadas.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Via errada

“Estou em vias de fechar o negócio”, disse um sócio a outro.
Desse modo, não creio que a negociação se concretize.
A locução correta é **em via de**, e significa “a caminho de”; “prestes a”.
Frase correta: “Estou **em via de** fechar o negócio”, disse um sócio a outro.

Péssima estreia

“Ganhamos o jogo, mas o jogador novato estreou mal, cometendo aquele pênalti.”

Não me admira a má estreia. O verbo **estrear** é irregular, isto é, tem alteração do radical ou variação nas desinências em relação ao modelo. Veja a conjugação correta, no pretérito perfeito do indicativo: Eu estreei/ tu estreaste / ele **estreu**/ nós estreamos/ vós estreastes/ eles estrearam.

Período correto: “Ganhamos o jogo, mas o jogador novato **estreu** mal, cometendo aquele pênalti.”



Perdão

“Não perdoamos ao erro de ortografia.”
Realmente, erro de ortografia é horrível, mas errar a regência do verbo **perdoar** também é imperdoável.

Veja: quando se referir a alguma coisa, o verbo perdoar é transitivo direto, ou seja, o objeto direto não pode ser preposicionado.

Frase correta: “Não perdoamos **o** erro de ortografia.”

Relendo Machado de Assis

Dom Casmurro – Capítulo XXII – Olhos de ressaca

“Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, olhos de cigana oblíqua e dissimulada’. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era

um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que... Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me.”

Moral baixa

“A diretora aumentou a moral dos alunos, quando anunciou os vencedores da gincana anual.”

Escrevendo desse modo, não há quem goste de ser premiado.

Veja: a palavra moral, no sentido de “dar ânimo”, é masculina, logo, é **o moral**.

Período correto: “A diretora aumentou **o moral** dos alunos, quando anunciou os vencedores da gincana anual.”

Sorriso forçado

“Começou a sorrir quando eu disse que me mudaria para sua cidade.”

Esse sorriso nunca será verdadeiro, escrevendo dessa forma.

Não se admite o acento indicativo de crase antes dos verbos. Ex.: “Voltamos a admirar o céu e suas estrelas”; “**A** partir de hoje, volto a caminhar.”

Frase correta: “Começou **a** sorrir quando disse eu que me mudaria para sua cidade.”

O H inicial e final

O h inicial emprega-se:

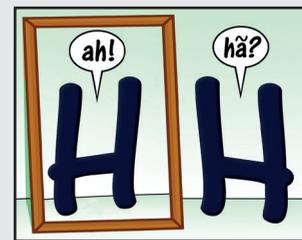
- por força da etimologia: hélice, hoje, hora, homem.
- por convenção: há?, hem?, hum!

Perde-se o h inicial:

- quando consagrado pelo uso: erva, em contraste com a palavra derivada e erudita: herbáceo.
- quando deixa de ser inicial em palavras compostas ou derivadas: desarmonia, lobisomem.

O h inicial mantém-se quando se liga por hífen a um elemento anterior: pré-história, sobre-humano.

O h final emprega-se em interjeições: ah! oh!



Cacos de vida

Por Gabriel Chalita*

Mais uma vez ela me deixa sem chão.

Mais uma vez enfrento a frase que, não poucas vezes, registrei: “Você desmoralizou.”

“Você” sou eu. Um capacho das emoções precárias, um rastejador de afetos, um implorador de atenções.

Quando termino e, às vezes, sou eu quem termina, visto a roupa de valente e comunico aos que me conhecem que o fim é, enfim, definitivo. E, então, a bloqueio de mim. E respiro os alívios.

E, então, começo a buscar justificativas, que ousou chamar de racionais, para tentar novamente. Não com essa rapidez. Faço a autopromessa de que seremos apenas amigos e que é injustificável, depois de ditos de amor, ficarmos distantes. Desenvolvo teses internas de que há vários tipos de amor. E, então, me ponho a insistir com quem já deu avisos de que prefere não estar.

Ela se veste de soberba e diz “não”. Eu prossigo em minha insana subserviência. Aceito qualquer exigência, imploro o perdão por uma falta que inventei, choro sem cerimônias. E, então, cacos de vida vão aborrecendo o chão de onde deveria brotar futuros. Há vida sem ela. Já expliquei a mim mesmo, e já não compreendi. Uso silêncios quando estamos juntos. E, quando nos separamos, falo aos outros o que não falo a mim mesmo.

Nas fases da valentia, logo após alguma separação, dela digo sem pestanejar. O quanto não me completa, o quanto é arrogante, o quanto

é insensível. Falo de suas variações de humor, falo de seu pouco apreço ao amor. E concordam comigo os que me ouvem. Imploro, então, que me apresentem alguém. Tudo, menos a cama vazia. Tudo, menos o voltar para casa e encontrar o som de mim mesmo.

Sei, por estudos, que sou caminhante errático em matéria de amor. Leio nos livros e nas conversas, quando estou atento, que o que faço comigo é um desperdiçar de emoções maduras. Já disse a mim mesmo que só quero quem não me quer. Que não valorizo, por alguma razão que desconheço, quem se faz a mim conhecer.

Rezo por uma história que suavize os meus dias. Talvez me falem ouvidos para ouvir o que peço nas rezas. Não sei. Só sei que ela está de volta. E, então, eu digo para mim mesmo que a vida é curta. E que as variações de temperamento dão a temperatura correta de uma relação. Se não, seria o tédio. É o que eu digo para desdizer o que disse antes.

O que seríamos sem as contradições?

Ela está linda, como linda sempre esteve dentro de mim. Diz que aceita. Faz suas exigências. Eu aceito. Entro na solidão da casa em que agora ela está e sinto falta de mim mesmo. O que possa fazer se não consigo?

Talvez o tempo, amigo displicente – pelo menos é o que penso, se não, teria ele cicatrizado as feridas que tanto me ferem –, um dia resolve vir em meu auxílio. E aí nos auxiliaremos juntos e respiraremos uma manhã sem medo, uma manhã vazia de machucaduras, uma manhã primaveril.

Enquanto isso não chega, compreendam, por favor, os meus invernos.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

**CARLOS ALBERTO SERPA**

Nasce a Academia Brasileira de Cultura

Arnaldo Niskier: Recebemos, com muito prazer, a visita, via internet, do professor Carlos Alberto Serpa de Oliveira, presidente da Fundação Cesgranrio. Ele nos deu uma notícia em absoluta primeira mão: a criação, no Rio de Janeiro, da Academia Brasileira de Cultura. Gostaria que o professor Serpa nos contasse quais são os propósitos da Academia Brasileira de Cultura.

Carlos Alberto Serpa: Sabemos que a cultura está passando momentos muito difíceis em nosso país, as pessoas desprezam a cultura, está sendo deixada de lado, nossos artistas, nossos escritores, todos têm imensa dificuldade de realizar e mostrar seu talento. Então, resolvemos nos dar as mãos para brigar pela cultura, defender a cultura, realizar grandes projetos.

Arnaldo Niskier: Você sempre fala que, sem uma cultura forte, a educação também não acontece. A educação é uma variável dependente da cultura como aprendemos nas nossas aulas de matemática, eu no meu curso, você, no seu, de engenharia.

Carlos Alberto Serpa: Em quase 50 anos de vida, passaram por nós mais de 200 milhões de alunos e, no princípio da criação da Cesgranrio, acompanhávamos não só o desempenho no vestibular, mas também como se desenvolviam nos estudos acadêmicos na universidade e até, com uma pequena amostra, como se desempenhavam na vida profissional depois. Havia um grupo pequeno cujo desempenho era tão bom ou maior até do que aqueles de alto poder aquisitivo, embora estivessem na camada inferior das classes sociais.

Arnaldo Niskier: Como se explica isso?

Carlos Alberto Serpa: Em casa, eles tinham cultura de manhã até de noite. Você é um estudioso e sabe que educar significa tirar de dentro para fora com as habilidades hoje denominadas socioemocionais, que fazem com que a educação se complete de forma mais eficaz e mais rápida. É por isso que a cultura é indispensável para a formação dos indivíduos e por isso que a Fundação Cesgranrio tanto se empenha em fazer da cultura um dos seus projetos essenciais, especialmente nas escolas públicas. E, por falar nisso, a nossa Academia Brasileira de Cultura já tem até seu fardão na cor vinho e o colar acadêmico. Na verdade, anima a todos que batalham na educação, nas suas mais de 12 áreas da cultura, a estar juntos de mãos dadas brigando por esse binômio.

Arnaldo Niskier: Quem é que criou esse fardão?

Carlos Alberto Serpa: Dei uma ideia para nossa querida (e futura congreira, porque ela também está na Academia Brasileira de Cultura) Hildegard Angel, do Instituto Zuzu Angel, e o colar foi bolado pelos técnicos aqui da Fundação Cesgranrio, tendo à frente dois rapazes muito talentosos, o Elton e o Victor Zotti.

Arnaldo Niskier: Tanto o fardão quanto o colar são muito bonitos. Já tem data para a posse da ABC?

Carlos Alberto Serpa: Primeiro preparamos o ambiente, já temos uma sede muito bem montada com todos os requintes acadêmicos que você tão bem conhece e vivencia na ABL. Na verdade, a cerimônia de posse tem que ser presencial, senão tira todo o brilho e toda a efetividade. Vamos ver se no 1º trimestre de 2022 conseguimos fazer isso presencialmente.

Arnaldo Niskier: A Fundação Cesgranrio é a responsável logística pela realização do ENEM e vem aí

uma grande novidade, o ENEM digital. Gostaria que o professor Serpa nos contasse sobre o ENEM digital. O que é isso?

Carlos Alberto Serpa: É o ENEM feito através de computador, as provas não serão mais impressas, aparecerão nos computadores das escolas selecionadas. Para isso, fizemos um pré-teste, no ano passado, para estudar, testar, pesquisar e garantir a privacidade, para que não haja hackers invadindo na hora da prova e não haja nenhuma possibilidade de fraude, de formas muito bem-sucedidas. Teremos a grande maioria fazendo a prova tradicional, mas temos hoje a convicção, graças aos estudos e pesquisas da Fundação, que há comparabilidade entre as provas impressas e as digitais. Esses estudos foram possíveis por causa do pré-teste que fizemos.

Arnaldo Niskier: Quem é que organiza as questões?

Carlos Alberto Serpa: No passado, também a Fundação o fazia, mas já há muitos anos quem o faz são os professores contratados pelo INEP, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do MEC.

Arnaldo Niskier: O que é TRI?

Carlos Alberto Serpa: É a Teoria de Resposta ao Item. É uma maneira que temos de poder comparar as provas de cada aluno. Isso quer dizer o seguinte: posso fazer uma prova hoje aqui e fazer uma prova amanhã para outra pessoa lá. Essas provas hoje são comparáveis por esse sistema que adotamos, que já estava em vigor nos Estados Unidos. Logo no início desse estudo, nos Estados Unidos, estudamos também aqui e hoje aplicamos no Brasil. Então, provas diferentes são comparáveis.

Arnaldo Niskier: Você acha que há um progresso na qualidade do aluno nesses últimos anos? Nossos alunos estão sabendo mais do que os alunos de antigamente?

Carlos Alberto Serpa: Há situações pontuais no Brasil. Estados, como o Ceará, fizeram grande progresso nesse sentido.

Arnaldo Niskier: Desde o ensino elementar o Ceará brilha.

Carlos Alberto Serpa: Isso serve de exemplo para os outros estados. Gastamos muito, mas gastamos mal em educação. Temos que investir na formação dos nossos professores, naquela possibilidade de ter o ensino presencial ligado às atividades que desenvolvam as qualidades socioemocionais dos alunos. Há um pequeno progresso, mas muito inferior àquilo que deveria acontecer, se você examina o volume de recursos que gastamos em educação no Brasil. O Brasil está entre os cinco países que mais gastam em educação no mundo.

Arnaldo Niskier: E a formação de professores que é a nossa seara maior? Você acha que melhoramos?

Carlos Alberto Serpa: Isso ficou muito comprovado agora quando vimos, nessa pandemia, a necessidade de fazer o ensino a distância, através dos computadores, e vimos que os professores não estavam treinados para esse tipo de educação. Creio que esse tipo de miscigenação entre o ensino presencial e o ensino a distância veio para ficar.

A PEDAGOGIA

Arnaldo Niskier: Você não acha fundamental que os cursos de pedagogia sejam amplamente reformulados?

Carlos Alberto Serpa: Acho sim e até já fizemos aqui dentro da Cesgranrio um grande simpósio dedicado apenas a isso. Como deveriam ser os novos cursos de formação de professores em nosso país. Pena que ainda não se colocou isso em execução. Precisamos urgentemente modificar esse processo de formação e fazer com que essa profissão seja mais procurada, isso passa também pela remuneração do salário dos nossos professores, temos que corrigir isso.

Arnaldo Niskier: O professor Serpa vai presidir a Academia Brasileira de Cultura, mas ele já é, há muitos anos, o presidente da Academia Brasileira de Educação. Você vai trocar uma pela outra?

Carlos Alberto Serpa: De jeito nenhum. A educação para mim é sempre aquela que me realiza enquanto professor, educador, como engenheiro que sou, mas de homens, de pessoas. A Academia de Educação está apoiando totalmente a cultura, elas vão inclusive quase que trabalhar em prédios geminados, vão estar muito juntas, espero que assim seja.

Arnaldo Niskier: Você lembra dois ou três itens desse projeto de aperfeiçoamento do ensino superior?

Carlos Alberto Serpa: Primeiro, é claro, a formação de professores, o ensino mais integral, com mais horas de ensino, quer dizer, a mudança do paradigma das matérias que têm que integrar e as atividades que têm que integrar o processo de formação são as mais importantes entre elas, e o financiamento da educação que também é básico. Agora, na Academia de Cultura, queria citar você como primeiro convidado que foi para integrar a Academia. Na verdade, logo depois de você, vieram Nélide Piñon, Arno Wehling, Marcos Vilaça, Domício Proença, Gabriel Chalitá; na música popular brasileira, temos desde Elza Soares até Zeca Pagodinho; na moda, que também é uma forma de cultura, temos Hildegard Angel, Margareth Padilha, Beth Serpa (minha mulher), Carlos Tufvesson; nas artes plásticas, temos a grande escultora Marília Azevedo; no cinema, temos o Cacá Diegues; no teatro e na TV, temos Walcyr Carrasco, Wolf Maia, Marieta Severo, Christiane Torloni, Lília Cabral, Rosa Maria Murtinho, Stepan Nercessian; como grandes produtores culturais, temos o ex-ministro da Cultura Marcelo Calero, temos Eduardo Barata, presidente da APTR, temos o Cláudio Magnavita, que criou o Correio da Manhã, temos Ricardo Cravo Albim, presidente do Pen Clube, que tem vasta lista de serviços prestados à cultura, temos Isaac Karabtchevsky, nosso grande maestro na música clássica, Carol Murta Ribeiro, grande concertista; na dança clássica, nossa querida Ana Botafogo, Dalal Achar e, na dança popular, temos Carlinhos de Jesus, isso entre quarenta acadêmicos que já aceitaram e estamos na reta final. A Academia deve fechar com 45 membros, mais ou menos, e aí poderemos marcar para, presencialmente, colocar de pé a Academia Brasileira de Cultura.

Arnaldo Niskier: O Brasil deve a você um parecer histórico, lembro bem, criando os cursos técnicos especializados em nível, na época, de segundo grau. Eu, como secretário de Educação e Cultura, cheguei a implementar alguns desses cursos: estruturas navais, administração de empresas. Uma pena que isso tenha sofrido, como tanta coisa boa no Brasil, solução de continuidade.

Carlos Alberto Serpa: No nosso estudo da Academia vai propor.

Arnaldo Niskier: Claro, porque deu certo e acho que há um campo imenso para que essas coisas aconteçam, sobretudo porque virão muitos cursos novos com a tecnologia digital.

Carlos Alberto Serpa: Você lembra, quando juntos estávamos no Conselho Nacional de Educação, que criamos isso sob o nome de pós-secundários não universitários e hoje a Academia tem o privilégio, e isso vai nos ajudar muito a implementar nossas ideias, de ter uma das nossas congreiras, Maria Helena Guimarães Castro, presidindo o Conselho Nacional da Educação e ela comunga das nossas ideias da Academia Brasileira de Educação.

Arnaldo Niskier: Ela é uma educadora muito competente, com grande traquejo dentro do Ministério da Educação, e esperamos que continue iluminando os caminhos do ministro da Educação, pois precisamos que isso se estabeleça com competência e rapidamente.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



MULHERES NOTÁVEIS

Mulheres Notáveis e Pioneiras na Área da Saúde do Brasil do Século XIX



Hélio Begliomini

EXPRESSÃO & ARTE EDITORA

Mulheres Notáveis e Pioneiras na Área de Saúde do Brasil do Século XIX (Expressão & Arte Editora, 2021), de Hélio Begliomini, megalha, ao longo de 80 páginas, no ineditismo da história de médicas e profissionais de saúde dos séculos XIX e XX. O autor nos revela, através de apurada pesquisa e texto impecável, a luta dessas pioneiras contra as dificuldades e os preconceitos, mostrando aos leitores a superação das adversidades.

A obra é dividida em três capítulos. No primeiro, a referência às mulheres pioneiras na área de saúde do mundo. No segundo, as primeiras brasileiras que fizeram história. Já o terceiro descreve médicas ilustres graduadas no Brasil.

No prefácio, a professora-doutora Nadir Eunice Valverde Barbatto de Prates, ex-presidente da Associação Brasileira de

Mulheres Médicas, não economiza elogios: “O Dr. Begliomini destaca-se pela didática e pelos detalhes na sua descrição. Mostra-nos de maneira fácil, simples e agradável, a biografia destas mulheres pioneiras que, por amor à profissão, abriram o caminho para o exercício da mulher na Medicina, na Enfermagem e na Pesquisa.”

Hélio Begliomini nasceu em São Paulo, em 21 de março de 1955. Graduado em Medicina, em 1978, na Faculdade de Jundiaí (SP), publicou mais de 200 trabalhos científicos. É membro, entre outras instituições, da Academia de Medicina de SP, da Academia Cristã de Letras e da Academia Paulista de História.

A MULHER ESCRITORA

A Mulher Escritora no Espírito Santo (AEL, 2019), de Ester Abreu Vieira de Oliveira, registra a presença da mulher na vida cultural do Espírito Santo, notadamente por meio da atuação na Academia Feminina Espírito-santense de Letras. A obra aponta os vultos mais significativos das letras capixabas, autoras reconhecidas no seu tempo, levantando registros e sistematizando informações de imensa riqueza cultural.

No prefácio, a ex-presidente da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, Renata Bonfim, ressalta a força das vozes femininas a favor da democracia, da Arte, da diversidade, das universidades públicas e gratuitas e, especialmente, do direito adquirido para além dos estereótipos e representações.

Ester Abreu Vieira de Oliveira (Muqui, 1933) é professora emérita da Ufes, doutora em Letras Neolatinas (UFRJ), pós-doutora em Filologia Espanhola (UNED, Madri), mestre em Letras (PUC, Paraná) e bacharel em Letras Neolatinas (Ufes). Com intensa produção intelectual, possui vasta obra, onde se destacam livros como *O Mito de Don Juan e sua Relação com Eros e Tanathos*; *Ensaio sobre Dramaturgia – do clássico contemporâneo; Ultrapassando Fronteiras em Metapoemas; O Teatro se Subjuga ao Poder?*, entre outros. Membro de várias instituições culturais é a atual presidente da Academia Espírito-santense de Letras.



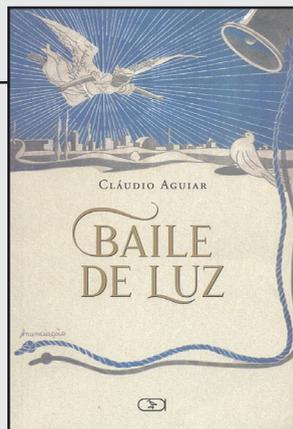
BAILE DE LUZ

Em Baile de Luz (Editora Ibis Libris, 2019), Cláudio Aguiar reúne 72 poemas, ao longo de 134 páginas, que conduzem o leitor pelo caminho lírico de sua escrita articuladora de sentidos.

O prefácio de Miriam Carvalho, professora da UFRJ, antecipa a potência poética do autor: “Nas imagens tecidas por Cláudio Aguiar, a vida revela-se em ato nos ciclos do eterno retorno. E, induzida por esses ciclos, move-se a memória transferida em sombras. (...) Nessa vigília, emerge tranquila inquietude ante o que se transforma nas diversas esferas da experiência do homem.”

Aguiar acentua com maestria o que há de evocativo nas lembranças. A voz que nos fala vem de dentro de cada palavra selecionada, resultando numa leitura, literalmente, luminosa.

Cláudio Aguiar nasceu no Ceará, em 1944. Formado pela Faculdade de Direito do Recife, é doutor pela Universidade de Salamanca (Espanha). Atual presidente do PEN Clube do Brasil, pertence, entre outras entidades culturais e literárias, à Academia Pernambucana de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Academia Carioca de Letras. Publicou cerca de 30 obras no gênero romance, teatro e ensaio. *Baile de Luz* é o terceiro livro de poesias.



A TERRA EM PANDEMIA

Na obra (Ed. Mondrongo, 2020), de Aleilton Fonseca, um longo poema narra a trajetória do coronavírus

pelo planeta, expressando a angústia de nosso tempo. Estruturado em cinco cantos (I. O enterro dos mortos; II. Um jogo de cartas; III. A Terra em Pandemia; IV. O desfile das infâmias; V. Canto final), trata-se de um poema híbrido, polissêmico e intertextual, em que se pode verificar o extenso domínio literário do poeta, oferecendo aos leitores enorme riqueza, tanto estética e lírica, quanto imagética.

São 620 versos, divididos em 62 estrofes, com uma gradação cronológica exata, resultando numa obra firme, em que as palavras surgem como potência. Ao longo das 110 páginas, com ilustrações de Silvio Jessé, há várias passagens originais em inglês, alemão, francês, espanhol, italiano, chinês, catalão, japonês e até em árabe, grego, latim e sânscrito, tudo traduzido e explicado em 62 notas de rodapé.

Aleilton Fonseca nasceu em Firmino Alves, na Bahia, em 21 de julho de 1969. Doutor em Letras pela Universidade São Paulo (1997), é professor de Literatura na Universidade Estadual de Feira de Santana. Tem várias obras publicadas e premiadas. É membro da Academia de Letras da Bahia, da Academia de Letras de Itabuna e da Academia de Letras de Ilhéus.



VIAGENS INUSITADAS

No livro *Viagens Inusitadas* (Editora CRV, Curitiba, 2020), Bayard do Coutto Boiteux compartilha algumas experiências de viagens que fez, nos últimos anos. O objetivo do autor, nas 20 diferentes narrativas, é apresentar relatos não convencionais que demonstrem a riqueza dos lugares por ele visitados. De Dijon e Beaune, passando pela Beleza dos Alpes Suíços, um Cruzeiro pela Baía de Halong, no Vietnã, Portugal, os Fiordes do Omã, Tallinn – uma mistura de Europa e Rússia, Marrakesh ou Cingapura, Bayard nos leva a uma interessante viagem experimental. Além de dicas preciosas, a publicação fornece, na mesma medida, um panorama da diversidade cultural e natural que o turismo representa. No prefácio, Gustavo Delesderrier acrescenta:

“Bayard é um cidadão do mundo desde que acompanhou seus pais no exílio, na Argélia e Portugal. O livro vem recheado de experiências que trazem um gosto na boca de conhecer.”

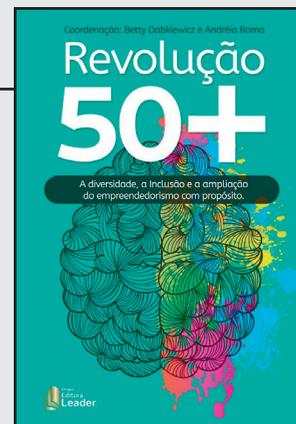
Bayard do Coutto Boiteux é professor universitário, escritor, pesquisador e funcionário público. Conhece inúmeros países em todos os continentes. Trabalha voluntariamente no Instituto Preservale e na Associação dos Embaixadores de Turismo do Rio de Janeiro. Tem 37 livros publicados.



REVOLUÇÃO 50+

A coletânea *Revolução 50+: a diversidade, a inclusão e a ampliação do empreendedorismo com propósito através de histórias* é a primeira da série pioneira Revolução 50+. Lançado pela Editora Leader, o projeto tem como missão apresentar experiências de pessoas a partir dos 50 anos, mostrando as numerosas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional obtidas na maturidade. Coordenada por Andréa Roma e Betty Dabkiewicz, a obra apresenta como uma de suas características louváveis a riqueza de personagens com suas histórias reais, que não só servem de exemplos, como são capazes de inspirar o leitor adulto de qualquer idade.

Além das organizadoras, estão entre os coautores: Aline Zanini Lima, Angela Martinez, Angelica Cavalcanti, Christiane D'Elia, Cristine Dias, Elaine Póvoas, Eliane Kreisler, Elena Martinis, Gilda Mesquita, Henriette Krutman, Irene Oliveira Santos, Jacqueline Accioly, José Marcos da Silva, José Maria Gomes Neto, Luciana Schwartz Jarolavsky, Márcia Monteiro, Márcia Thimóteo, Maria Candida Torres, Maria Leonor Delmas, Peter Bodolay, Ricardo Sochet e Theophilo da Costa Neto. A diversidade de narrativas rompe vários paradigmas, formando um perfil heterogêneo, onde a tônica é a possibilidade alcançada através da longevidade. No texto da curadora de viagens exclusivas Luciana Jarolavsky, encontra-se a resposta metafórica para a “virada de chave” na maturidade: “Viajar é abrir a porta para o medo, abrir o mundo para novas vivências, novas pessoas e novos horizontes.” “Sim, podemos voar”, afirma, na sequência, a jornalista Marcia Monteiro.



Sua Majestade Brás Cubas

Por Vera Lúcia de Oliveira*

Não há ser mais cruel do que uma criança, disse Freud. Com certeza, ele ficaria encantado em ver que tinha razão se pudesse ter lido *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis.

O capítulo intitulado “O menino é pai do homem” exemplifica muito bem e vai ao cerne dessa questão mostrando os lineamentos do menino no comportamento do adulto. O pequeno Brás Cubas, que ao nascer já era o que Freud chamou “Sua Majestade, o bebê”, foi saudado como um verdadeiro representante dos Cubas, a flor, o herói, a quem seriam destinados feitos extraordinários, na expectativa do pai e dos tios. Desse bebê rechonchudo passamos ao menino esperto, levado, mal educado mesmo, pois contava com a benevolência do pai adorador e da mãe ausente no quesito educação, pois esta era só coração, como disse o defunto Brás Cubas: “Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração”, ou seja, não era adepta de racionalismos, e sim, de afetos no trato familiar. O fato é que o defunto narrador destaca os seus malfeitos contemporizados pelo pai orgulhoso do filho peralta, no qual via um grande temperamento a desabrochar. “Ah! Brejeiro! Ah! Brejeiro!”, dizia o pai narcísico, encantado, que se via renascido em sua criatura que lhe concretizaria os sonhos de grandeza.

Para Freud, todos os conflitos psicológicos se situam na infância. Assim, consideramos que a cena da infância em que as maldades do menino são acobertadas pelo pai revela muito do adulto Brás Cubas. Vejamos:

Por exemplo, “um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinzas no tacho, e, não satisfeito, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce

‘por pirraça’; e eu tinha apenas seis anos”.

Essa passagem revela muito do adulto, que reputamos perverso, como se a ausência daquele doce de coco tivesse deixado sua vida amarga, pois foi cruel em maior ou menor escala com todos que atravessaram o seu caminho. Foi contrariado pela escrava, a quem quebrou a cabeça, abonado pelo pai, que em particular lhe dava beijos, e seguiu vida afora se vingando de quem se lhe opusesse. O resultado é que Brás Cubas teve uma péssima ideia da progenitura e, por extensão, dos homens, a tudo e a todos negando, como atesta a frase final do romance: “– Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.”

Pensamos que esse sentimento de fracasso se deu a partir do momento em que o menino “venceu” o pai que, ao contemporizar com suas diabruras, fez perceber que, por trás de tanta benevolência, se escondia uma fraqueza de caráter ou, pior, uma displicência em relação ao filho; o pai falhou ao não barrar a agressividade desmedida do menino regido pelo princípio do prazer, aquele impulso inconsciente – segundo a psicanálise de Freud – que não conhece o certo nem o errado, que só deseja realizar o que lhe dá satisfação, prazer. Falhou o pai porque não fez a criança conhecer o princípio da realidade, este regulador que situa o sujeito nas questões éticas e morais da sociedade, e que, curiosamente, é o guardião do princípio do prazer em defesa do ego, para que este não se perca. O desprazer equilibra o prazer, preserva o equilíbrio do ego e conduz ao prazer real, ainda segundo Freud.

Mas o menino Brás Cubas não conhecia a palavra “não” e, quando o tio fazia observar ao pai seus excessos, ele respondia que adotava na educação do filho um método inteiramente superior ao usado. “Iludia-se a si próprio”, como observa o adulto; mas não iludiu o menino nem o narrador defunto... Assim, cresceu ele naturalmente como “os gatos e as magnólias”, afeiçoado a todo tipo de injustiça, inclinado a atenuá-la, como confessa dolorosamente – mais que ironicamente. Não teve limites. E, como não conhecia Freud, nem Freud era o que viria a ser, Brás Cubas, numa visão determinista, atribui a frouxidão de seu caráter, a sua frivolidade, a sua formação, enfim, ao meio familiar e social, dizendo: “Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor.”

*A professora Vera Lúcia de Oliveira é da Academia de Letras do Brasil.

Educar é um ato de humanizar a si mesmo e o outro

Por Leonardo Taveira*

Podemos observar, de maneira simples ou não, que todo ato de ensinar promove ao outro, a possibilidade de conhecer algo, de apropriar-se de um determinado conhecimento que antes lhe era inviável. Educar também é um ato de influenciar, de conduzir alguém num caminho que não seria possível se fosse sozinho. A educação é expandir fronteiras, é fazer caminhos e também possibilitar acessos. Além desses fatores, um dos mais importantes é o ato de educar como fator de promoção humana nas interações de igualdade.

Todos podem promover algum tipo de conhecimento com mais propriedade sobre o assunto ou não, uma evidência nítida são as Redes Sociais. Nelas, todos têm opiniões sobre diversos assuntos. No entanto, é interessante perceber que alguns falam com tanta convicção que nos fazem acreditar que realmente sabem o que falam. E a quantidade de pessoas que estão reproduzindo variados conteúdos que não conhecem a fundo realmente parece assustar. Ou seja, se está de acordo com aquilo que acredito (por mais que eu não saiba profundamente sobre esse assunto), então estarei pronto a repassar sem ao menos realizar uma pesquisa mais acurada. E é nesse cenário que observamos uma quantidade consideravelmente grande de atrocidades acontecendo

pelo mundo. Então, educar não pode ser um ato isolado de promover conhecimento.

Como também, é fácil perceber que, por causa da era digital, muitas pessoas têm facilidade ao acesso dessas informações e, com isso, usar esse conteúdo para influenciar com as intenções mais adversas. Podemos dizer que educar também não pode ser um ato isolado para influenciar ao próximo (que por vezes nem é tão próximo assim) com motivações pessoais egoístas que por vezes só interessa a um determinado público específico.

Quando consideramos a educação somente como aspecto de expandir conhecimento para abrir caminhos, precisamos refletir sempre quais caminhos são esses. O porquê dessa reflexão? Porque o educar como forma de expandir conhecimento apenas pode gerar pessoas com muita ênfase na base teórica e pouco no campo da prática, isto é, pessoas que se dedicam relacionar-se com os livros somente. Todo conteúdo teórico é válido, porém, sempre é bom considerar o campo da prática também.

Educar implica em gastar tempo aprendendo bem para depois ensinar. Implica também considerar que ninguém sabe tudo. Educar envolve o respeito, caminhar ao lado, bem como possibilitar acesso ao conhecimento visando sempre um caminho de humildade, para promover novas possibilidades para todos. É fato que a educação passa por todas essas etapas e outras tantas que o leitor pode considerar. Contudo, um ato sublime (penso eu) de educar deve ser a paixão que todo educador precisa manter quando promove conhecimento, a saber, um desejo intenso de olhar para o próximo continuamente com a esperança de ver nele o melhor. Promovendo tudo o que for necessário para que ambos, educador e educando, sejam dignificados nesse processo contínuo de humanizar-se através da educação.

*Leonardo Taveira é professor especialista da Área de Educação do Centro Universitário Internacional Uninter.

Reflexões sobre a arte da escrita

Por William Soares dos Santos

O amor à poesia e a generosidade do Professor Antonio Carlos Secchin

Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, o educador Paulo Freire (1921-1997) nos ensina, dentre outros elementos, a respeito do ato de educar, que ensinar “exige segurança, competência profissional e generosidade”. Ao encontro dessa percepção, de fato, percebo que todos os grandes professores, homens e mulheres que tive a oportunidade de conhecer, são guiados pelos valores do “conhecimento” e da “generosidade”. Para grandes professores, ao lado do desejo de conhecimento e do labor incansável para construí-lo, assenta-se sempre a missão de partilhá-lo. Ao que tudo me parece fazer crer, esses professores parecem estar imbuídos de um ideal que ultrapassa os desejos, algumas vezes simplórios, outras vezes mesquinhos, de um reconhecimento puramente pessoal. No caso da arte da escrita, se a pessoa que compartilha conhecimentos, além de um grande professor, é, também, um grande escritor, a generosidade se faz ainda mais evidente, porque não guarda para si o suposto “mistério” ou “segredo” de sua escrita, mas a desvenda, colocando-a, corajosamente, sob escrutínio do outro a fim de compartilhar com a humanidade aquilo que levou anos para construir.

É sabido que a internet fez emergir muitos aspectos negativos da humanidade, muitas vezes, se tornando um campo minado em que se encontram armadilhas textuais, premissas falsas, fake news, meias verdades, omissões que deturpam a leitura e os saberes humanos já constituídos, como a ciência. Em meio a tudo isso, é um alívio quando encontramos na worldwide web espaços em que o saber é tratado de forma elevada. Um desses raros exemplos é o trabalho desenvolvido pelo escritor e professor Antonio Carlos Secchin em sua página pessoal e naquela intitulada “Secchin, poeta e professor”, ambas na plataforma do Facebook. Ali é possível encontrar análises literárias que unem profundidade epistemológica e bom humor. Nesses espaços, ele analisa poemas seus e de outros escritores com a mesma imparcialidade. Sempre de modo crítico, inteligente e construtivo, visando a melhor formação do leitor. Secchin trata com o mesmo respeito poetas clássicos e contemporâneos em um verdadeiro ato de amor à arte poética.

Além de seus próprios poemas, aparecem nessas aulas muitos outros autores. Secchin realiza comparações só possíveis ao grande leitor que ele é e nos chama atenção para aspectos que podem passar despercebidos ao leitor menos atento. Em uma análise de um dado poema, ele explica a alternância métrica entre decassílabos nos versos ímpares e dodecassílabos nos pares, para, logo em seguida, nos explicar as características das rimas toantes e consonantes. Ao explicar outro poema, ele nos lembra de características da escrita dos poetas românticos para, logo em seguida,

traçar paralelos com a escrita de João Cabral (1920-1999). Em outro momento, ele traz um poema de Carlos Pena Filho (1929-1960), que nos remete ao trabalho de Baudelaire (1821-1867). Mais adiante, Secchin fala das possibilidades interpretativas de um poema de Luiz de Góngora (1561-1627) e do uso da onomatopeia, da aliteração e da assonância na poesia. Em outra aula, ele traz a poesia de Guimarães Júnior (1845-1898) e a de Castro Alves (1847-1871) para falar da capacidade evocativa do poema. Mais adiante, nos apresenta um poema esquecido de Cecília Meireles (1901-1964). Em outro texto, nos dá uma bela lição de antonímia e antítese. Enfim, são muitos os temas trabalhados e os textos analisados por Secchin em suas páginas. Uma coisa é compartilhar a poesia como faz qualquer escritor, mas o professor Secchin aproveita o espaço público para dar aulas sobre diferentes especificidades da poesia, congregando e democratizando saberes que são, muitas vezes, de difícil acesso.

É preciso dizer que o amor à poesia e a generosidade de Secchin não são qualidades que se configurem apenas no mundo virtual, em seus anos de atuação na Faculdade de Letras da UFRJ, seus alunos e todos os que com ele trabalharam foram testemunhas de seu rigor epistemológico e dessa mesma generosidade em compartilhar saberes. Provas disso podem ser encontradas nos muitos relatos colhidos no livro *Secchin, uma vida em Letras*, de 2013, organizado pelos professores Maria Lúcia G. de Farias e Godofredo de Oliveira.

Em um contexto histórico em que a internet tem sido utilizada por grupos radicais a fim de mobilizarem campanhas para atacar, de várias formas, os estados democráticos e todos aqueles que conseguiram garantias de direitos dentro desses estados, para espalharem o negacionismo da ciência em meio à pandemia de Covid-19 (que tem levado à morte centenas de pessoas no mundo e, principalmente, no Brasil), em que empresas como a Cambridge Analytica fazem uso da web para “algoritmizar” a vida das pessoas, em um momento de tensão, em que o ato de ler implica escolhas que atingem nossas vidas, as aulas de Secchin nos levam a pensar, também, na importância de nos comprometermos com uma educação para a liberdade, para a autonomia e para a fundamentação de sociedades realmente democráticas, em que as benesses e as responsabilidades do estado democrático de direito possam ser partilhadas por todas as pessoas, independentemente de cor, origem, religião, gênero etc.

No atual cenário, o trabalho de divulgação da literatura realizado pelo escritor e professor Antonio Carlos Secchin é um verdadeiro ato democrático porque possibilita um espaço compartilhado de leitura, porque, ao partilhar saberes sobre a arte da escrita, torna viva a grande asserção de outro grande mestre, o professor Antônio Cândido (1918-2017), de que a literatura é um direito e não um privilégio e porque nos mostra que, como bem postulou Freire em seu livro *Educação como Prática da Liberdade* (1967), não existe educação fora das sociedades humanas e não existe ser humano em um espaço vazio. O trabalho de interpretação da arte poética que Secchin realiza em suas páginas, dentre outros aspectos, nos mostra, ainda, a importância de se formar professores críticos para a formação de leitores críticos. Por isso, apenas formas de educação que trabalhem o ato de ler como um caminho para liberdade deveriam interessar às sociedades democráticas do presente, para que possamos ter um futuro possível de ser vivido em liberdade e em harmonia e no qual a poesia possa ser compreendida como um bem precioso que possamos cultivar constantemente em nossas vidas.

*William Soares dos Santos é Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e escritor.

Os selvagens clarões de Carlos Nejar: a infância, Deus e a palavra

Por Diego Mendes Sousa*

O livro *A Tribo dos Sete Relâmpagos* (Editora Life, 2020) é uma peça filosófica romanesca advinda da magia verbal de Carlos Nejar (1939-).

Dizia Mallarmé que “o poeta aperfeiçoa as palavras da tribo” e Carlos Nejar enfatiza que “de tanto me espelhar nas palavras, elas se parecem comigo”. Assertiva conceitual, porque a narração do livro é um retrato do tempo através dos sonhos e das visões.

A obra é uma celebração à infância, a Deus e à palavra. É também uma fábula deslumbrante sobre a morte e a eternidade. Nela, encontro os matizes caros à cosmogonia nejariana, como a ressurreição do pensamento que se eleva com um discurso profundo sobre a natureza da alma humana e dos seus descaminhos.

A estória acontece no Brasil, portanto, na América. A ficção se desenvolve em primeira pessoa e a personagem principal chama-se Pampa. Nejar demonstra o seu amor por sua terra natal e transfigura a sua mulher, Elza, em Elva, ou seria Eva? Tudo parece esquecer, para lembrar.

Sete relâmpagos são os guizos da morte. A tribo é uma liturgia imaginária sobre o paraíso. A floresta é o jardim do Éden, onde Pampa, ou seria Adão?, conhece a luz, a loucura, a beleza e a imperfeição.

A narrativa perpassa pela civilização e pela selvageria arrematadoras. Carlos Nejar sabe, como nenhum outro criador, reinventar a tradição bíblica, pois opera com o sagrado. As suas representações são galopes, repletos de provérbios extraordinários.

Há no romance uma passagem vigorosa sobre os Solaios, grupo de índios canibais em guerra com os Tumuios, seus inimigos. Nesse trecho, encontro uma valorativa simbologia indianista, que rememora a mitologia e a cultura indígenas, com descrições xamanistas e impressões agudamente idealizadas.

A obra de Carlos Nejar é uma cintilação de linguagem surreal e fascinante: “O tempo é mágico, por ninguém saber como ele veio, ou se forma.” E ainda: “Quando se tem pouco a dizer da infância, a infância tem muito a dizer por nós.”

Seu estilo é inconfundível, prosa iluminada, que arvora o leitor de maneira poética e visceral.

Não posso detalhar o enredo, porque compete ao apreciador da alta literatura desvendar os seus inúmeros segredos, mas antecipo que o encantamento será uma plenitude de ritmos, pois estamos diante de um bardo, cuja genialidade faz clarão sobre a memória do homem e amplia o universo existencial com os seus cavalos e ventos de signos invencíveis.

Vivemos tempos de escuridão e os relâmpagos da incerteza, furiosos nos apavoram. O belo título *A Tribo dos Sete Relâmpagos* atmosfera a verdade sobre as velozes necessidades da vida, bem como sobre a entrega definitiva de Carlos Nejar ao coração do Absoluto: “(...) até onde a infância de Deus é palavra. Até onde é Deus: acordando.”

*Diego Mendes Sousa é poeta piauiense.

Poesias Completas de Machado de Assis

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

É inesgotável a riqueza que caracteriza a obra dos gênios. O volume de interpretações e análises em torno da obra machadiana justifica o milagre da sua permanência. Nenhum outro escritor brasileiro foi tão estudado quanto Machado de Assis (1839-1908). Sua vasta produção, em constante movimento, se reinventou em vários momentos. Destemido, talentoso, criativo e profícuo, percorreu caminhos inéditos, explorando todos os gêneros literários.

Com destaque absoluto na prosa, seus romances revelam a condição humana. O olhar que o Patrono da Academia Brasileira de Letras dirige às atitudes e às relações interpessoais demonstra largo entendimento de nossa alma. Através de sua literatura, passamos a ter um instrumento que nos dá uma visão diferenciada da existência. Machado foi também o mais perfeito autor de outros dois gêneros fundamentais de nossa literatura: o conto e a crônica. Em nenhum dos três foi superado. Isso, talvez, explique por que o seu “lado poeta” é considerado “menor”. Mas há quem afirme que poucos versos na nossa língua têm a emoção dos dedicados ao grande amor de sua vida – a esposa Carolina.

Uma de suas últimas publicações em vida, a coletânea *Poesias Completas*, editada pela Livraria Garnier, em 1901, está completando 120 anos. A intenção, na época, de reunir, num único volume, o conjunto de seus quatro livros de poemas (*Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais*) era trazer ao grande público a obra poética da juventude de um dos maiores escritores de sua geração.

A obra teve grande repercussão na época, embora Machado tivesse resistência em publicá-la. Ele mesmo era crítico a seu próprio trabalho poético. Silvio Romero fez-lhe rasgados elogios, vaticinando que Machado era a mais alta figura da literatura brasileira. Carlos Magalhães de Azeredo sentiu “emoções profundas”, especialmente nos poemas do último período, e elogiou sua estética primorosa.

Após a morte do escritor, diversos e cuidadosos pesquisadores – merecendo destaque o acadêmico Raimundo Magalhães Jr., entre outros, passaram a estudar a sua obra poética. Examinaram jornais e revistas (e mesmo documentos particulares) do século XIX, levantando muitos textos “desprezados”, na época, e os fizeram integrar às poesias machadianas, oferecendo preciosas notas de esclarecimentos, tanto das origens e publicação, quanto de problemas de linguagem, cortes, modificações e dúvidas. Quando reuniu os primeiros três livros, *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875), incluindo o quarto, *Ocidentais*, em suas *Poesias Completas* (1901), Machado de Assis eliminou daqueles três primeiros livros diversos poemas.

Com o passar dos anos, mudou a predileção de Machado por determinados versos e maneiras de usá-los. Ao preparar o livro para publicação, ele excluiu das três primeiras coleções uma quantidade considerável de poemas: de *Crisálidas*, dezesseis foram excluídos, além de um fragmento do poema Versos a Corina; de *Falenas*, nove foram excluídos; e de *Americanas*, apenas um. A poesia excluída só voltou a ser integrada ao volume das *Poesias completas* em 1937, pela editora W. M. Jackson Inc., por ocasião de sua quarta edição (primeira da W. M. Jackson). Outra importante edição das *Poesias Completas* foi a de 1976, feita pela Comissão Machado de Assis com o propósito de estabelecer-lhe criticamente o texto. Essa edição traz todos os poemas excluídos ao final de cada livro na ordem em que apareceram originalmente.

Crisálidas foi o primeiro livro de poesias publicado por Machado. Trata-se do livro mais lírico. Sobre isso, afirmou Lúcia Miguel Pereira: “Fiado na impersonalidade da poesia lírica, Machado de Assis se expandia, contava os seus sofrimentos, os seus sonhos, as suas dúvidas.”



A escrivaninha de Machado de Assis.

Falenas foi publicado seis anos após *Crisálidas*, em 1870. Estudiosos afirmam que esse segundo livro “já tem outro tom”, e representa um progresso com relação a *Crisálidas*. A crítica costuma apontar um aprimoramento no apuro formal. A preocupação com as formas tornou-se mais evidente. Segundo o estudioso Cláudio Murilo Leal, o aperfeiçoamento de *Falenas* não se restringiu ao aspecto formal: “Nessa obra, os poemas atingem um mais alto nível de realização [...] também quanto ao tratamento dos temas, cada vez mais reflexivos e universais.”

O terceiro livro, *Americanas* (1875), tem sido considerado pelos especialistas uma obra “indianista”. O que dá unidade ao livro são os assuntos “americanos”. Um deles, Cantiga do rosto branco, é tradução de um poema de indígenas norte-americanos. Esse poema foi excluído do livro nas *Poesias Completas*, o que resultou num volume de assuntos exclusivamente “brasileiros”.

Se a medida dos versos fosse tomada como critério único para avaliação das exclusões feitas por Machado de Assis, poderíamos dizer que, ao poeta maduro, desagradaram os versos longos (de arte maior) escritos na juventude. Os versos breves (de arte menor), aparentemente, ainda lhe pareciam corretos, em 1901. As razões da rejeição, porém, não se vinculam exclusivamente a questões métricas. Outros aspectos e outras dimensões da composição poética teriam de ser levados em consideração, se se pretendesse explicar as escolhas do autor.

O próprio poeta, em carta a seu amigo Carlos Magalhães de Azeredo, deu as razões (não métricas) pelas quais excluiu de sua obra um poema (o “Menina e moça”, de *Falenas*). As cartas de Machado de Assis, como suas crônicas e os prefácios de livros que escreveu, fazem parte do material em que se pode buscar a compreensão plena de sua crítica literária.

Do ponto de vista da versificação, pode-se dizer que, em *Americanas*, o poeta alcançou o seu patamar mais alto e definitivo. Manuel Bandeira, apesar de reconhecer nos dois primeiros livros de Machado “certa elegância nova no cuidado da forma, tanto na linguagem como na metrificação e nas rimas”, assinalou certo avanço no terceiro livro: “Esse apuro torna-se mais acentuado nas *Americanas*”, afirmou.

Em *Ocidentais* (1880), o apuro da forma poética se estabeleceu por completo. Segundo Cláudio Murilo Leal, no quarto livro, Machado de Assis torna-se “possuidor de uma invejável maestria como artesão de seu instrumento linguístico e poético”. Outra novidade da obra é que “a lírica amorosa desaparece e cede lugar ao poema filosófico ou de caráter introspectivo”. *Ocidentais* é uma obra de grande relevância para o entendimento da poesia brasileira na virada do século XIX para o XX.

De Machado, no Brasil, já se escreveu tudo. Ou quase tudo. Penso, porém, que há sempre lugar para renovar a abordagem pedagógica dos seus textos. Em seu estilo e em sua cuidadosa estrutura vocabular, Machado ensinava. Uma conversa machadiana é pautada pela calma, olho no olho, como quem aponta, com singeleza, “olhem como nós somos”. Junto com suas afirmações, há, simultaneamente, o espanto e o encantamento com o mundo. Um olhar pedagógico refinado, de quem nos enxergava por dentro, esmerando-se em nos mostrar de que maneira podemos nos tornar melhores. Como fazem os bons mestres: não apenas ensinam: inspiram.

À CAROLINA *

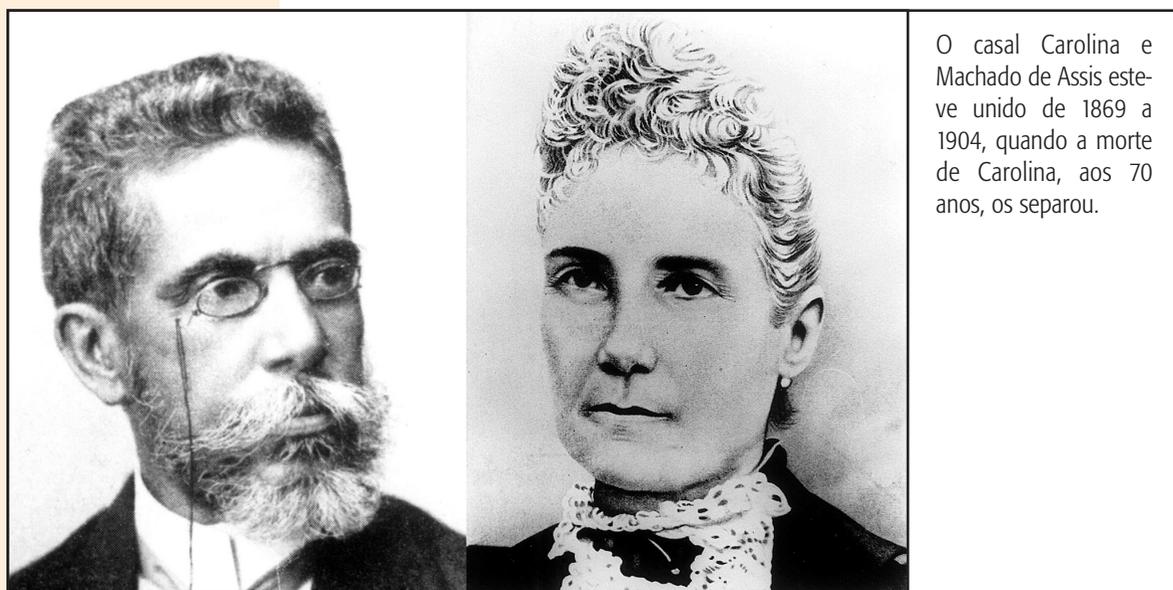
Querida! Ao pé do leito derradeiro,
em que descansas desta longa vida,
aqui venho e virei, pobre querida,
trazer-te o coração de companheiro.
Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
que, a despeito de toda a humana lida,
fez a nossa existência apetejada
e num recanto pôs um mundo inteiro...
Trago-te flores – restos arrancados
da terra que nos viu passar unidos
e ora mortos nos deixa e separados;
que eu, se tenho, nos olhos mal feridos,
pensamentos de vida formulados,
são pensamentos idos e vividos.

Machado de Assis

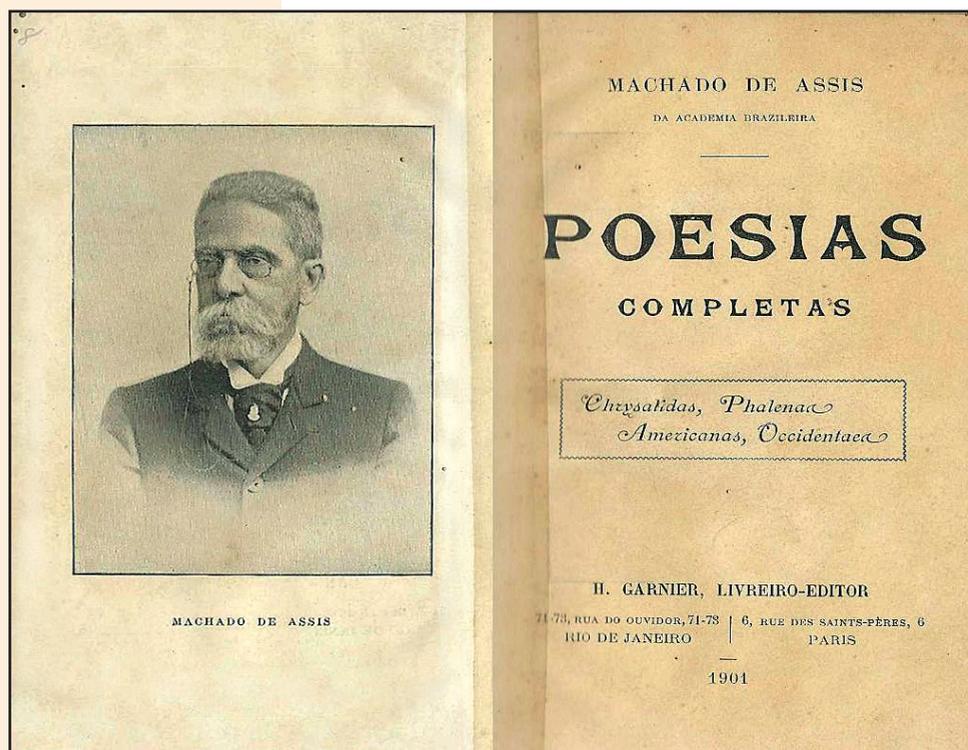
* Escrito por Machado de Assis em 1904 (depois de ter sido publicada a primeira edição das *Poesias Completas*), à época da morte de sua esposa, Carolina Augusta Xavier de Novais, o soneto À Carolina é considerado a melhor peça de sua obra poética. Os versos foram gravados no túmulo de Machado e Carolina, no Mausoléu da ABL, transferido pelo presidente da instituição, Arnaldo Niskier, no dia 21 de abril de 1999.



Os versos do poema À Carolina foram gravados no túmulo de Machado e Carolina, no Mausoléu da ABL, transferido pelo presidente da instituição, Arnaldo Niskier, no dia 21 de abril de 1999.



O casal Carolina e Machado de Assis esteve unido de 1869 a 1904, quando a morte de Carolina, aos 70 anos, os separou.



Fraternidade

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

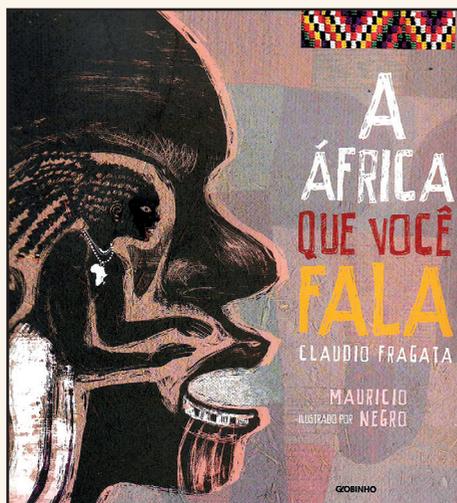
guim, esconde sua angústia ao afirmar repetidas vezes: “eu nem ligo!”. Será verdade? Aos poucos, tudo vai se resolvendo e ela compreende o que é ter um irmãozinho. O livro acaba de receber pelo iiLer – Cátedra Unesco de Leitura – Puc-Rio, o selo Seleção Cátedra 2020.



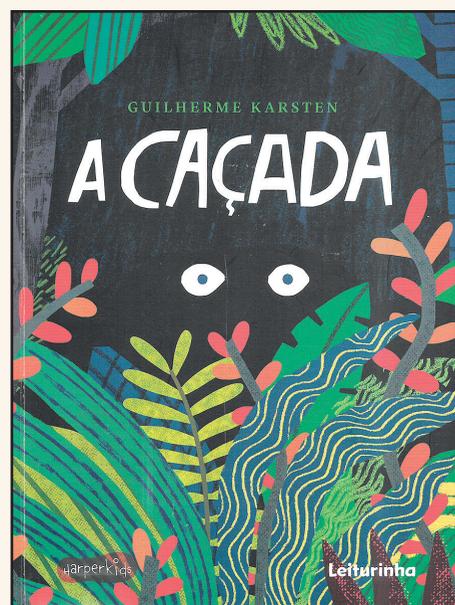
E a vida segue, mais lenta, arrastada, pautada por notícias tristes e de insegurança. Nós também seguimos, acreditando na ciência, no trabalho, na cordialidade e na empatia. Em abril, por um calendário de coincidência, meus irmãos e eu tomamos a segunda dose da vacina contra a Covid-19 no mesmo dia. Cada um com o seu motivo de data: profissionais de saúde ou idade. E nós três (Francisco, Lucia e eu) seguimos na esperança da retomada das atividades, torcendo para que os mais jovens e todos os queridos dos nossos corações também sejam vacinados.

Este assunto tão pessoal surgiu com a leitura de vários livros que participam da nossa página de maio. Três deles trazem histórias de irmãos com conflitos, dúvidas, ciúmes, implicâncias, diferenças, semelhanças e um amor enorme. As leituras, com certeza, vão transportar vocês também para as lembranças da infância e, como eu, vão sentir um orgulho enorme dos irmãos queridos.

A África que Você Fala – Cláudio Fragata escreveu e Mauricio Negro ilustrou (Globinho) – As raízes africanas tornam-se evidentes em nossa língua. Com rimas fáceis e escolhendo palavras divertidas como xodó e cafuné, Cláudio Fragata demonstra que, apesar de separados pelo oceano, a África está pertinho de nós!



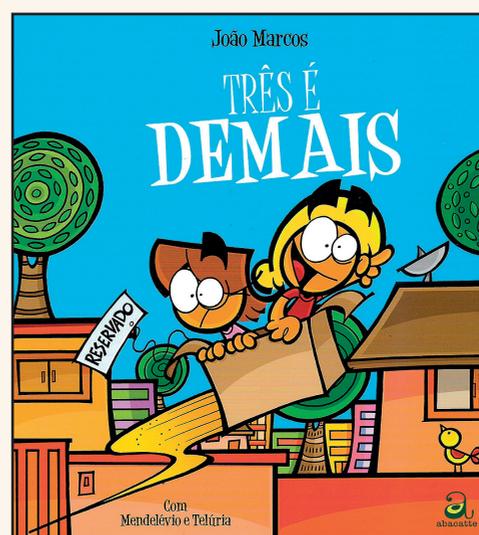
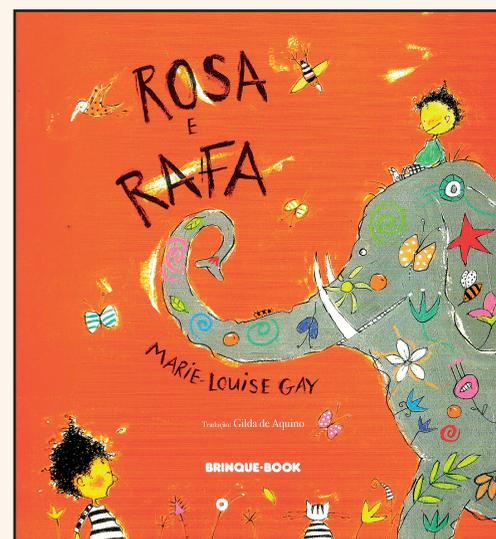
A Caçada – Em seu primeiro livro, *AAAhhh!* (Harper Collins), Guilherme Karsten já mostrou a criatividade em texto e ilustrações. Em *A Caçada* (Harperkids/Leiturinha), renova seu talento em nova história para os pequeninos. O que parece fuga e nervosismo, se transforma em divertida brincadeira. Com certeza, quem contar essa história, vai ouvir do pequeno ouvinte: “conta de novo!”, muitas vezes. A obra recebeu do iiLer – Cátedra Unesco de Leitura – Puc-Rio, o selo Seleção Cátedra 2020.



Eu Nem Ligo – Texto de Márcia Leite e ilustrações de Jean-Claude Alphen (Pulo do gato). A chegada de um irmãozinho, que agora ocupa a atenção da mãe, deixa a menina bem aborrecida e seu descontentamento é traduzido pela tentativa de se manter indiferente às mudanças. Ao interagir com a cachorrinha Nina, com Hugo, o ursinho de pelúcia, e com um novo brinquedo, um pin-

Rosa e Rafa – Marie-Louise Gay – texto e ilustrações; tradução de Gilda de Aquino (Brinque-Book) – A autora já é bem conhecida pelas histórias de Marcos e de Estela e destaque também o livro *Onde Começa a História?*.

No livro anterior, falávamos da chegada do irmãozinho, e, em *Rosa e Rafa*, encontramos as aventuras de dois irmãos gêmeos que compartilham artes e histórias. Mas, cada um do seu jeito, e o resultado é um livro cheio de imaginação e criatividade!



Três é Demais – Texto e ilustrações de João Marcos (Abacatte) – Mendelévio e Telúria são irmãos e aprontam. Eles são bem diferentes, mas um não vive sem o outro. De repente, mais uma história com irmãos na nossa página. O livro em quadrinhos apresenta várias historietas divertidas e, na última, uma sequência de confusões com o anúncio (equivocado) da chegada de um bebê! O livro recebeu pelo iiLer – Cátedra Unesco de Leitura – Puc-Rio, o selo Distinção Cátedra 2020.

O Sono do Gato – Texto de Celina Portocarrero, ilustrações de Julia Flohr (Bisbilibisbalabás – selo da Ibis Libris Editora) – Este livro não é recente, mas com todas as dificuldades que passamos nesses tempos de isolamento, quarentena, perdas e cuidados, demorou para chegar à nossa página. A editora Thereza Rocque da Motta me proporcionou esse encontro com a poesia da Celina. Desde a capa, percebemos o amor da autora pelos livros. Letras, palavras, frases e parágrafos servem de moldura para o gato que se espreguiça e se confunde com as capas dos livros. *O Sono do Gato* e o seu ronronar nos transportam para muitas histórias, fábulas e contos que guardamos na memória e no coração.



JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

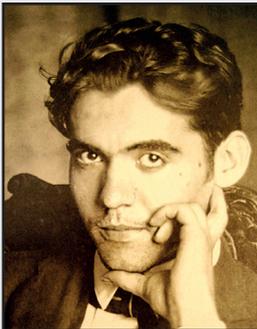
acervo JL



OTÁVIO DE FARIA

Crítico, ensaísta, romancista e tradutor, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 15 de outubro de 1908, e faleceu na mesma cidade em 17 de outubro de 1980. Estudou no Colégio Santo Antônio Maria Zaccaria e na Escola Nacional de Direito, de 1927 a 1931. Colaborou em diversas revistas, como *Boletim de Ariel*, *Pelo Brasil*, *Hierarquia*, *Revista de Estudos Sociais*, *A Época*, *Letras e Artes*, *Leitura*, *Revista Acadêmica* e *Panorama*, além de *O Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio*, *Jornal dos Esportes*. Participou da fundação do *Chaplin Clube*, juntamente com Plínio Sussekind Rocha, Almir de Castro e Cláudio Melo, organização destinada ao estudo dos problemas do cinema, e colaborou no seu órgão oficial, *O Fã*. Estreou em 1931, com o ensaio *Maquiavel e o Brasil*, seguido de: *Destino do Socialismo* (1933) e *Dois Poetas* (1935). Ocupou vários cargos: diretor da Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, em 1936; membro do Conselho Federal de Cultura. Pertenceu à Câmara de Artes. Recebeu os seguintes prêmios literários: Felipe d'Oliveira pelo romance *O Lodo das Ruas* (1942); Prêmio Luiza Cláudio de Sousa, do Pen Clube do Brasil, pelo romance *A Sombra de Deus* (1967); *Golfinho de Ouro*, do Museu da Imagem e do Som (1968); Prêmio do Instituto Nacional do Livro (ficção), pelo livro *Novelas da Masmorra* (1968); Prêmio Machado de Assis, para conjunto de obra, da Academia Brasileira de Letras (1970); Prêmio Fernando Chinaglia, pelo romance *O Cavaleiro da Virgem* (1972).

acervo JL



GARCÍA LORCA

Federico García Lorca (Fuente Vaqueros, 5 de junho de 1898 – Granada, 18 de agosto de 1936) foi um poeta e dramaturgo espanhol. Nascido na Andaluzia, García Lorca ingressou na faculdade de Direito de Granada em 1914, e cinco anos depois transferiu-se para Madrid. Seus primeiros trabalhos baseiam-se em temas relativos à Andaluzia (*Impressões e Paisagens*, 1918), à música e ao folclore regionais (*Poemas do Canto Fundo*, 1921-1922) e aos ciganos (*Romancero Gitano*, 1928). Concluído o curso, foi para os Estados Unidos e para Cuba, período de seus poemas surrealistas, manifestando seu desprezo pelo *modus vivendi* norte-americano. Na Espanha, criou um movimento de teatro chamado *La Barraca*. Foi perseguido por conta de sua homoafetividade. Foi excelente pintor, compositor precoce e pianista. Sua música se reflete no ritmo e sonoridade de sua obra poética. Como dramaturgo, Lorca obteve sucesso com a tragédia. As três tragédias rurais passadas na Andaluzia, *Bodas de Sangue* (1933), *Yerma* (1934) e *A Casa de Bernarda Alba* (1936) asseguraram sua posição como grande dramaturgo. Algumas obras: *Livro de Poemas* – 1921; *Ode a Salvador Dalí* – 1926; *Cartas aos Amigos* – 1950. Teatro: *Assim que Passarem Cinco Anos – Lenda do tempo* – 1931; *Retábulo de Don Cristóvão e D. Rosita* – 1931. Federico García Lorca foi fuzilado na cidade de Granada, Espanha, no dia 18 de agosto de 1936, por ordem de Francisco Franco. Até hoje seus restos mortais não foram encontrados.

acervo JL



ANTONIO MACHADO

Antonio Cipriano José Maria Machado Ruiz nasceu em Sevilha, Espanha, no dia 26 de julho de 1875, e foi um poeta espanhol. Estudou na Institución Libre de Enseñanza e posteriormente completou seus estudos nos institutos San Isidoro e Cardenal Cisneros. Em 1899, Antonio Machado mudou-se para Paris, onde trabalhou como tradutor para a Editora Garnier. A obra literária de Antonio Machado distingue-se em três etapas: a primeira é representada pelo livro *Soledades* (1903) e por *Soledades, Galerías e Outros Poemas* (1907), uma ampliação do livro anterior, ambos marcados pelo romantismo tardio do século XIX. A mudança para a cidade de Soria, propiciou uma segunda etapa na obra do autor, caracterizada por uma poesia menos intimista. Nessa época, publicou *Campos de Castilla* (1912). Após a morte de sua esposa, abandona Soria e reside sucessivamente em Baeza e Segóvia, até que, em 1931, fixou residência em Madri. Nessa época, publicou *Nuevas Canciones* (1924), marcada pela predominância do verso sobre a prosa, e *Poesias Completas* (1928), cujo tom sombrio e a indagação intelectual caracterizou a terceira fase de sua obra. Em 1932, Antonio Machado retorna para Madri. Em 1936, eclode a guerra civil e Machado declara-se partidário dos republicanos. Mudou-se para Valência, depois para Barcelona, e, em janeiro de 1939, exilou-se na França. Antonio Machado faleceu em Collioure, França, no dia 22 de fevereiro de 1939.

FAÇA COMO O SAFRA. INVISTA NO SAFRA.

VOCÊ PODE. Investimentos Safra.

Ter performance e segurança nos seus investimentos e receber uma excelente orientação financeira do mercado. No Safra, você pode.

Safra

Tradição Secular de Segurança

Fale com nossos gerentes ou ligue para 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados.

Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados. Atendimento aos portadores de necessidades especiais, auditivas e de fala / SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755, atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria – caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800 770 1236, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados.



arte Desenharte



Por Zé Roberto

zrgauna@hotmail.com

ANITA DOMINONI

Filha de argentinos, Ana Paula Dominoni, ou Anita Dominoni, é nascida na Bahia no dia 2 de julho de 1974. Apaixonada por desenho e pintura desde sua infância, a artista graduou-se em Caracterização Teatral, pelo Teatro Colón, e em Cenografia, pela Escuela Ernesto de la Carcova, da Universidade de Buenos Aires. Atua como ilustradora, cenógrafa, diretora de arte, e já ilustrou diversos livros técnicos e infantis, trabalhando também para revistas nacionais e internacionais, e com uma passagem no jornal *A Tarde*, de Salvador, Bahia. Tem dois prêmios de melhor direção de arte em longas brasileiros no Festival de Gramado, com a obra *O último Romance de Balzac*, de Geraldo Sarno, em 2010, e *Depois da Chuva*, de Cláudio Marques e Marília Hughes, em 2014, fita que também foi premiada no Festival Internacional de Cinema 3 Fronteras, na Argentina. Em 2011, foi convidada para participar da Exposição de Ilustração Bicentenário, organizada pela Casa Malpensante Pop, apoiada pelo Ministério da Cultura e Arquivo de Bogotá, Colômbia. Única mulher classificada no concurso Noel é 100, que homenageou os 100 anos do compositor Noel Rosa, em 2011; a artista também foi uma das classificadas no concurso *Quem te viu, quem te vê* – Homenagem a Chico Buarque; eventos organizados pelo IMMUB – Instituto Memória Musical Brasileira. Anita reside atualmente na Argentina, em Buenos Aires; e atua regularmente como ilustradora na editora argentina Quipu, especializada em literatura infanto-juvenil.

A desenhista mantém seu portfolio atualizado nas redes sociais. No Instagram, pode ser visitada no perfil @anitadominoni; e no link do site colab55.com/@anitadominoni o leitor pode adquirir produtos com as imagens criadas pela artista.

Saúde e Arte!



Chico Buarque.



Frida Kahlo.



Nina Simoni.



Noel Rosa.

Homenagem a Alfredo Bosi

Por Manoela Ferrari

A cultura brasileira perdeu um dos seus mais eruditos e ativos integrantes. O acadêmico Alfredo Bosi morreu no dia 7 de abril, aos 84 anos, vítima de Covid-19.

Professor, historiador, escritor e ensaísta, crítico de literatura brasileira, Bosi teve uma trajetória acadêmica exemplar. A dedicação às áreas humanas ampliou-se com destaque não só no meio literário e cultural, como também em causas políticas, sociais, educacionais e ambientais.

Era o sétimo ocupante da Cadeira nº 12, eleito para a Academia Brasileira de Letras no dia 20 de março de 2003, na sucessão de Dom Lucas Moreira Neves. O presidente Marco Lucchesi lamentou a morte do colega, em tom emocionado: “A tanta dor, soma-se a morte do admirável acadêmico Alfredo Bosi. Sou tomado de profunda emoção. Nem encontro palavras. Escrevo com olhos marejados. Bosi: um homem de profunda erudição, humanista incontestado, um homem que estudou o Renascimento e que o representou. Realizou uma abordagem nova da cultura do Brasil. Dialética da colonização é um clássico desde o nascedouro. Sem Ecléa, sua querida companheira, o mundo ficou mais áspero, ele, o suave, o profundo e delicado espírito. Sabia Dante e Machado, com a mesma intimidade, Gadda e Guimarães Rosa. Em tanta dor, essa que nos fere. Jamais relegou a segundo plano os direitos civis e as liberdades. Amado amigo, fraterno, radical”, declarou.

Como intelectual engajado, Alfredo Bosi apoiou as lutas pela redemocratização e redução das desigualdades sociais do país, atuação iniciada com um grupo de operários da cidade de Osasco nos anos 1970. A militância pelos direitos humanos fez com que integrasse a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns e a Comissão Justiça e Paz de São Paulo, criada pelo cardeal Arns.

Algumas das outras questões a que se dedicou foram a valorização do ensino básico e seus professores, o reconhecimento da importância das tradições culturais populares, a defesa dos princípios éticos e da liberdade de pensamento e pesquisa na universidade, a conservação dos ecossistemas do país e a resistência às usinas nucleares.

TRAJETÓRIA

Nascido no dia 26 de agosto de 1936, no seio da colônia italiana da capital paulistana, ingressou, em 1955, no curso de Letras Neolatinas da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Universidade de São Paulo (USP).

Em 1958, especializou-se em Literatura brasileira, Filologia românica e Literatura italiana, que passou a lecionar no ano seguinte. Em 1960, foi contemplado com uma bolsa de estudos na Universidade de Florença, na Itália, onde estudou Estética e Filosofia da Renascença. De 1963 a 1970, retomou o ensino de literatura italiana na USP, período em que defendeu o Doutorado (1965; sobre a narrativa de Luigi Pirandello) e a livre-Docência (1970; sobre a poesia de Leopardi).

Em 1970, Bosi passou a lecionar Literatura brasileira, tornando-se professor titular da disciplina, em 1972. Em 1966, publicou o livro *Pré-Modernismo* e, em 1970, aos 34 anos, lançou uma de suas principais obras, o clássico *História Concisa da Literatura Brasileira*, um clássico já em sua 50ª edição.

Em paralelo à sua atuação no Departamento de Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Bosi participou do Instituto de Estudos Avançados (IEA) desde seu início, indicado por Antonio Candido para integrar a primeira formação do Conselho Deliberativo, em 1987. Em 1989, foi escolhido como o editor da revista *Estudos Avançados*, tarefa que desempenhou com especial dedicação, durante 30 anos.

Alinhado à esquerda, foi um dos responsáveis por introduzir o



pensamento do filósofo marxista italiano Antonio Gramsci no Brasil. Organizou o documento coletivo *A Presença da Universidade Pública* e presidiu a comissão elaboradora do Código de Ética da USP. Foi o primeiro presidente da Comissão de Ética da Universidade.

O esforço do intelectual de conciliar sua fé católica ao marxismo moveu sua produção acadêmica e resultou numa de suas obras mais importantes: *Dialética da Colonização*, de 1992, que recebeu o Prêmio Jabuti, em 1993. Além dos já citados, é autor, entre outros livros, de *O Ser e o Tempo da Poesia* (1977), *Machado de Assis: o enigma do olhar* (1999; Prêmio Jabuti de 2000) e *Ideologia e Contraideologia* (2010). Sua última publicação foi em 2017, *Arte e Conhecimento em Leonardo da Vinci*.

Entre as honrarias que recebeu, estão os títulos de professor emérito da FFLCH-USP (2009) e professor honorário do IEA (2006), a Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo Ministério da Cultura (2005), o título de Comendador da Ordem de Rio Branco, outorgado pela Presidência da República (1996), e a distinção “Homem de Ideias de 1992”, conferida pelo *Jornal do Brasil*. Em 2018, o IEA inaugurou a sala de eventos Alfredo Bosi, um reconhecimento pelos 30 anos de dedicação ao Instituto.

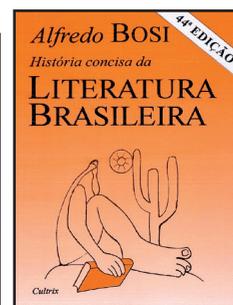
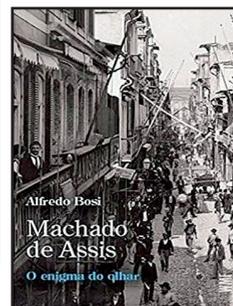
NO EXTERIOR

Além do período de estudos na Universidade de Florença, no início dos anos 1960, fez pesquisas nos Estados Unidos (1986), com o apoio da *John Simon Guggenheim Memorial Foundation*. Na França, foi pesquisador do *Institut des Textes et des Manuscrits Modernes* (1990), ocupou a Cátedra Brasileira de Ciências Sociais Sérgio Buarque de Holanda da *Maison des Sciences de l'Homme* (2003) e foi professor convidado da *École des Hautes Études em Sciences Sociales* (1993, 1996 e 1999).

Também ministrou cursos e proferiu conferências na França, Itália, Estados Unidos (*Yale University*), Cuba (*Casa de las Américas*), Espanha (*Universidad de Salamanca*) e Uruguai (*Universidad de la República*).

FAMÍLIA

Bosi foi casado com a psicóloga social e escritora Ecléa Bosi (1936-2017), professora titular e emérita do Instituto de Psicologia da USP, com quem teve os filhos Viviana e José Alfredo. Além dos filhos, ele deixa os netos Tiago e Daniel.



Cronista à beira-mar

Por Edmilson Caminha*

A crônica, gênero tipicamente brasileiro, ao menos a que se escreve por aqui, chega primeiro aos leitores pelas páginas da imprensa, o que lhe dá, em maior ou menor grau, uma natureza jornalística. Assim foi com Rachel de Queiroz, na famosa “Última página” da revista *O Cruzeiro*; Carlos Drummond de Andrade, no *Correio da Manhã* e, depois, no *Jornal do Brasil*; Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga, na revista *Manchete*, e tantos outros cuja prosa aliviava o peso do noticiário político e das análises econômicas. Há crônicas, porém, jornalísticas não apenas circunstancialmente, mas sobretudo pela semelhança que têm com a reportagem, pela intenção de informar os leitores, de trazer-lhes algo novo, o que possam desconhecer sobre pessoas e acontecimentos que lhes interessem. Textos como os de Ruy Castro e Sérgio Augusto, que não perdem a essência, o brilho e o sabor mesmo quando volumosos, a exemplo de *O Anjo Pornográfico* e *Estrela Solitária*, biografias de Ruy, ou *Este Mundo É um Pandeiro* e *Aspenas do Ofício*, ensaios de Sérgio.

Em *Metrópole à Beira-mar* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019), Ruy Castro, com a maestria de sempre, leva-nos ao Rio de Janeiro dos anos 1920, única cidade brasileira com mais de um milhão de habitantes – quase o dobro dos que viviam em São Paulo. Se o índice nacional de analfabetos chegava a 80%, entre os cariocas reduzia-se à metade. Nada menos do que 15 jornais disputavam leitores, entre eles o *Jornal do Brasil*, que, em 1917, tirava cinco edições diárias para cobrir o fim da Primeira Grande Guerra (“um jornalista só ficaria desempregado no Rio se sofresse de escorbuto ou beribéri”). Não surpreende, assim, a robustez do setor editorial:

Em 1920, o Rio tinha cerca de quarenta livrarias, várias delas se desdobrando também em editora, tipografia, papelaria, banca de jornais e oficina de encadernação. Por muitas décadas, a principal foi a Garnier, na rua do Ouvidor, onde os escritores se reuniam em torno de Machado de Assis e sofriam por não estar em Paris. (...) Mas, em 1917, surgira uma concorrente invencível: a Grande Livraria e Editora Leite Ribeiro – a maior do país a partir do momento em que abriu as portas. (...) Seu prédio, no largo da Carioca, ocupava metade do quarteirão do Tabuleiro da Baiana. Tinha uma fachada de cem metros de comprimento, com trinta vitrines (...) O estoque, tomando dois andares e com estantes que iam até o teto, era estimado em 300 mil volumes – literatura, história, ciências, religiosos, didáticos, culinária, figurinos, além de jornais e revistas em pelo menos cinco línguas.

Ruy Castro tem razão: “O Rio era a única cidade que não tinha um ‘interior’. Todo o Brasil era o seu interior.” A “Cidade Maravilhosa”, como a chamara Coelho Netto em crônica de 1908, e cinco anos depois repetira a francesa Jane Catulle-Mendès, no livro de poemas *La Ville Merveilleuse*. Os graves e sucessivos erros dos eleitores, ao entregar o poder a péssimos governantes, acabaram por dar razão a outra estrangeira, a poetisa norte-americana Elisabeth Bishop, para quem o Rio não era uma cidade maravilhosa, mas um lugar maravilhoso para uma cidade. O resto dependerá do povo e dos políticos que lhe receberem os votos: Deus e a natureza fizeram a sua parte...

Tudo ia bem até que, em 1918, sobreveio a injustamente chamada gripe “Espanhola”, pois que o surgimento do vírus se deu, ao que parece, nos Estados Unidos – a Espanha levou a culpa, ao não esconder o diagnóstico dos primeiros casos. Uma verdadeira tragédia: em poucos meses, 20% da população mundial adoeceria, com um total de mortos ainda hoje incerto, entre 20 milhões e 50 milhões de pessoas. Segundo o médico Miguel Couto, 600 mil cariocas foram infectados, mais de metade da população, com 12.700 mortes em dois meses, correspondentes a um terço dos óbitos em todo o Brasil.

Cem anos depois, a história se repete com a Covid-19, agravada pela incompetência de governantes, a estupidez de negacionistas e a crença despropositada dos que se deixam levar por charlatães e aproveitadores. Ruy Castro refresca a memória de quem costuma perdê-la, ao mostrar que os defensores de cloroquinas e ivermectinas não são sequer originais:

O alerta demorou a ser dado. Numa cultura em que o quinino era visto, até pelos médicos, como um santo remédio, o povo depositou suas esperanças em destronca-peitos, purgantes e preparados à base de alfazema, limão, coco, cebola, vinho do Porto, sal de azedas, cachaça e fumo de rolo – o que, naturalmente, não diminuiu o índice de mortalidade. Uma instituição fornecia canja de galinha contra a gripe. (...) No começo, o carioca ainda brincou, atribuindo a doença a uma arma secreta dos

alemães, embutida nas salsichas. Mas, quando se descobriu que o número de mortes no Rio estava chegando a centenas por dia, viu-se que não havia motivo para rir.

...

Capital da República e das letras nacionais, escritores que nela viviam ousavam fazer o que só depois se veria na Europa: o poema “A taça”, de Hermes-Fontes, tinha a forma do objeto que o intitulava, exemplo da poesia visual que se associaria ao francês Apollinaire dez anos à frente. O ficcionista Adelino Magalhães praticava o “pensar tumultuoso”, nome com que denominava o monólogo interior, ou *stream of consciousness*, que mais tarde daria fama a Marcel Proust, James Joyce e Virginia Woolf.

Famosos (e outros nem tanto) havia também por aqui, como o festejado Coelho Netto, que já era “quase o busto de si mesmo”, ou Ronald de Carvalho, que, por ouvir mais do que falar nas funções diplomáticas que exerceu, era “capaz de ficar em silêncio em várias línguas”, no conceito impiedoso de Agrippino Grieco. O jovem Théo-Filho publicara *Dona Dolorosa*, volume de contos que Ruy Castro considera “uma mistura de *Kama Sutra* com o catálogo da Drogaria Granada, uma espécie de ficção ginecológica”. Jackson de Figueiredo, líder católico que morreria afogado aos 37 anos na Barra da Tijuca, em 1928, merece reconhecimento por haver escrito o que parece aplicar-se a capitães de hoje:

O militar que se fez político, que é político, não tem, em regra, nenhuma superioridade sobre os demais políticos. Pelo contrário: no entrechoque das paixões que se fazem no novo meio, raro é o que guarda serenidade, raro o que não descamba para tiranete de maus bofes, raro o que não se faz, em pouco tempo, um inimigo público.

...

Em 1922, o Rio engalana-se para sediar a grande exposição comemorativa do centenário da Independência. Delegações de 14 países – Portugal, Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Japão, Bélgica, Suécia, Noruega, Dinamarca, Tchecoslováquia, México, Argentina e Chile – movimentam embaixadas, lotam hotéis, enchem restaurantes. Uma ausência foi pesadamente sentida, pela razão que a motivou:

Em Paris, o Conde d’Eu, viúvo da princesa Isabel, convidado especial do governo, zarpou com a nora e os netos no *Massilia* rumo ao Rio, para as comemorações. A República prestaria deferência à Monarquia. Mas, durante a viagem, à mesa do jantar, o conde tombou a cabeça branca no colo da nora e, sem um pio, expirou a bordo – sofrera um infarto fatal. Completou a viagem em câmara fria, foi embalsamado ao chegar e reembarcado em ataúde duplo para Paris.

Com previsão de encerrar-se no último dia do ano, prorrogou-se o evento até 23 de julho de 1923. Em dez meses de duração, recebeu mais de três milhões de visitantes de todo o Brasil – entre eles dois cearenses, que partiram de Fortaleza em uma jangada, e dois gaúchos, que foram de bicicleta. Realizaram-se 29 congressos científicos e técnicos, ciclos de debates, conferências e cursos. Finda a mostra, o Petit Trianon, pavilhão da França, foi doado à Academia Brasileira de Letras, com o que a Casa de Machado de Assis passou, enfim, a ter sede própria.

...

O bicentenário da Independência coincidirá, em 2022, com a eleição que poderá ter significação histórica para a política brasileira. Menos de um mês depois, o povo irá às urnas para eleger o presidente da República, os governadores dos estados, deputados estaduais, deputados federais e um terço dos senadores. Convém, pois, esperar um pouco. A depender do bom uso que se fizer do voto, haverá, sim, razão para comemorar o 7 de Setembro. Caso contrário, seguiremos em mar revolto presos no porão da Nau dos Insensatos, sob o comando de quem jura que a Terra é plana, que não houve ditadura no Brasil e que Elvis não morreu. A esperança, embora sempre a dançar na corda bamba de sombrinha, não nos deixa pensar na hipótese de que Dom Pedro, esteja onde estiver, comente com sua espada: “Não foi por falta de um grito que se perdeu essa boiada...” Assunto para o cronista que, em 2122, escreva uma *Metrópole à Beira-mar* sobre o século que passou. Com o brilho, o talento e a leveza de Ruy Castro, espero.

*Edmilson Caminha é membro da Academia de Letras do Brasil.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

Há 700 anos...

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira*

Dante Alighieri, conhecido mundialmente e considerado o maior escritor italiano, faleceu em Ravena, em 14 de setembro de 1321, logo, há 700 anos, acometido por febre malária. Nasceu em Florença (Itália) em maio de 1265, século XIII, vivendo, portanto, entre a Idade Média e a Idade Moderna.

Dante Alighieri deixou-nos uma obra enciclopédica, contendo todo o saber medieval, escrita em latim ou em italiano, que ele chamava “língua vulgar”, isto é, língua da fala do povo. Sua obra consta com uma extensa fortuna crítica, por seus tratados de: teologia, filosofia, astronomia, matemática, ciências físicas e naturais, política, história e geografia, arte, e ciências ocultas.

Sua breve vida (56 anos) ficou marcada por vários acontecimentos notáveis: amor platônico, casamento, filhos, participação em batalhas, luta pela democracia florentina, prisão, exílio, mudanças de cidades (Verona, Bologna, Paris e Ravena).

Como homem político, estudou a monarquia em um tratado em latim. Essa obra apresenta a ideia de um Império Universal, no qual a Itália seria a guardiã. Devido a suas ideias políticas, teve que se exilar para não ser queimado vivo em Florença.

O mundo espiritual de Dante, que impregnará a sua literatura, principalmente nas visões do outro mundo, como aparece na *Divina Commedia*,¹ em suas subdivisões: Inferno, Purgatório e Paraíso, contém o misticismo dos pensadores cristãos: S. Bernardo, S. Francisco, S. Boaventura, São Tomás e do Fra Jacopone.

A *Divina Commedia*, composta por cem cantos, está subdividida em três partes: Inferno, introdução geral da obra onde se encontra o ponto de vista político de Dante na aplicação dos castigos, com justiça. Purgatório, espaço reservado para aqueles que, durante a sua vida, se arrependem de seus pecados e os expiam antes de entrar na Esfera Divina. Paraíso, alegoria da visão do amor de Deus à humanidade.

Na *Divina Commedia*, poema narrativo, em “terza rima”,² ou três versos interligados, como a organização dos versos acima citados (ABA), o poeta mostra o estado do homem depois da morte, quando é levado à

1 Será indicada com o nome original: *Commedia*

2 Dante utilizou na *Divina Commedia* a rima encadeada, “terza rima”, unidade simétrica de três versos, encadeados ABA, BCB, CBC, e assim por diante. Essa rima aparece pela primeira vez nessa obra.

Justiça de Deus e recebe o castigo mais pesado, o do Inferno, ou o mais leve, o do Purgatório ou o prêmio da visão de Deus, o Paraíso.

Numa alegoria da caminhada de uma alma para chegar ao Céu, o poeta apresenta a existência de uma desordem, um pessimismo, “um vale de lágrimas”, a hegemonia do mal sobre o bem, um domínio do ódio. Mas, na meta final, onde há hierarquia, a alma virtuosa ficará localizada de acordo com a sua capacidade humana que teve de amar a Deus, situando-se nos espaços das virtudes cardeais fundamentais da conduta humana (Sabedoria, Fortaleza, Temperança, Coragem), ou nos lugares que direcionam para esfera do Paraíso, a presença de Deus, onde se encontram as virtudes teológicas (Fé, Esperança e Caridade).

Poderíamos dizer que a obra é didática, pois há um ensinamento religioso de um caminhar ascético entre o castigo, purificação e salvação; ou que é autoficção, no sentido de que a obra leva a alma do poeta Dante, o eu – personagem, à redenção, depois de uma vida de insubordinação, de retrocesso, como no início da obra quando o poeta se encontra em uma “selva tenebrosa” e procura sair dela.

Mas no espinhoso caminho da perfeição, a alma tem companhia. Virgílio, o poeta romano, aparece e o convida para visitar os reinos eternos. Com a proteção desse guia Dante, depois de passar pelo Inferno e pelo Purgatório, chegará à entrada do Paraíso e, pelas mãos de Beatrice, nele entrará, para a visão de Deus.

Beatrice, personagem na obra que impulsiona a criatura para o caminho da perfeição, para uma aproximação com Deus, é a mulher ideal, a beleza suprema.

A *Divina Commedia* apresenta, guiada pela Razão, uma redenção universal: a da humanidade e a do Império. A felicidade natural, que está no “Paraíso Terrestre”, encontra-se no reino da justiça e da paz. Segundo nota 1 da publicação da *Dina Comédia*, traduzida por Xavier Pinheiro, Dante iniciou a escrita dessa obra em Roma, na noite de 4 a 5 de março de 1300, na véspera da Sexta-Feira Santa. Mas foi para o exílio em 1302 e, segundo Boccaccio, no exílio, ele escreveu o Purgatório, entre 1310-1313, com aproximadamente 45 anos, e, depois de sua morte, 13 cantos do Paraíso foram escritos, porque, segundo esse poeta, Dante havia deixado de compor e seu filho Jocapo terminou a obra. Mas existem discordâncias desse julgamento, porque, devido ao temperamento apaixonado do poeta, é impossível que não tenha terminado a obra.

O título *Commedia* deriva, segundo algumas opiniões, da sequência da comédia; princípio triste e final feliz. Giovanni Boccaccio, na publicação dessa obra em Veneza, em 1555, acrescentou ao título a palavra qualificativa “Divina”.

*Ester Abreu Vieira de Oliveira é presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

É tempo de misericórdia

Por Margarida Drumond de Assis*

De forma especial, em 2021, é preciso compreender, independentemente de crença religiosa, que em tudo deve prevalecer o amor ao próximo, de forma a que todas as pessoas tenham direito à vida com dignidade e respeito. Perdoar o outro e também a nós mesmos. Por que, às vezes, somos tão duros e não nos perdoamos, por exemplo quando não atingimos um objetivo? A Semana Santa traz luz para a nossa vida, abre caminhos, lembra a misericórdia de Jesus, como ele fez na passagem citada em João 8, 1 -11. A sociedade daquele tempo quis apedrejar a mulher por considerá-la em pecado. Mas Jesus os advertiu e eles se foram. O que fez Ele: “Onde estão os que te condenavam? Também eu não te condeno, vá e não peques mais!”

Quando hoje vemos os mais de dois milhões de mortos no mundo, vítimas de Covid-19, nesta avassaladora pandemia do novo coronávi-

rus, abrangendo inúmeros países – Reino Unido, Rússia, México, Irã, Índia, Estados Unidos e tantos outros; e o Brasil com mais de 310 mil mortos se destacando como o segundo em número de vidas perdidas, atrás apenas dos Estados Unidos, temos mesmo que pensar como anda o mundo, quanto de pecado há. São milhões de pessoas sem recursos, sequer de sobrevivência, sem assistência à Saúde, Educação, sem moradia. E, agora, o Brasil ainda com mais empresários, também os trabalhadores da informalidade sem ter como trabalhar; as empresas fechando suas portas, demitindo; a pandemia que não cessa; a falta de um direcionamento governamental; o desrespeito à vida... É oportuno que se considerem as mensagens que a Semana Santa proporciona.

É tempo de os povos se unirem em oração pela vida de todos; de fazer cessar a corrupção, os desvios de verbas na vida política em benefício próprio à revelia do bem-estar do povo; é tempo de estender um olhar de compaixão pelas famílias enlutadas; de agir para sanar a insegurança que vivemos hoje. Torna-se gritante a necessidade de cada pessoa compreender quão importante é o seu papel para uma vida na unidade, podendo, assim, viver a Páscoa e dela ser testemunha viva.

*Margarida Drumond de Assis é presidente coordenadora da Associação dos Jornalistas e Escritoras do Brasil – AJEB, Coordenadora do Distrito Federal – AJEB/DF; diretora de Letras da Academia de Letras e Música do Brasil – ALMUB.

O inimaginável depois do amanhã

Por José Carlos Gentilli*

Atualmente, o orbe experimenta a existência de uma população de viventes, que atinge o patamar de oito bilhões de seres humanos cujas ancestralidades se mesclam no tempo difuso da criação, onde a sobrevivência racial é determinada pela mutabilidade comportamental.

Viver significou sempre sobreviver aos enfrentamentos grupais na luta diária pela alimentação corpórea, movida pelo instinto da fome, sensação que o tálamo do córtex neuronal determina de forma regulatória, satisfativa.

A cultura grega nos primórdios civilizacionais, herdadas de gentios pretéritos na gênese, humana, afirmava ser o tálamo – o quarto, o leito nupcial da intimidade–, algo subliminar, uma alcova existencial.

O tálamo é o leito conjugal do pensamento!

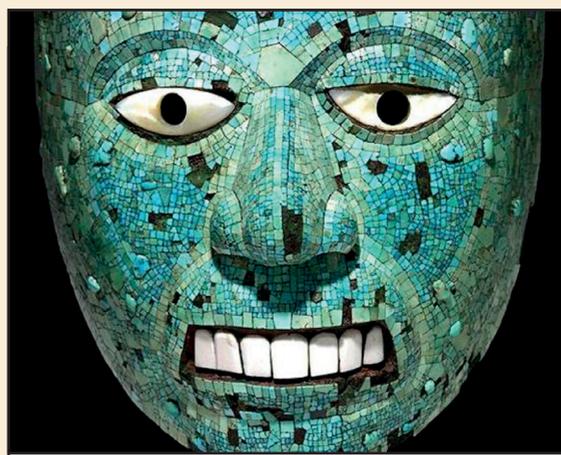
Os seres humanos ainda não conhecem as profundezas da caixa craniana e seu universo neuronal, limitando-se a embelezá-la, externamente, empoando cabeleiras ou lustrando carecas luzidias.

Simplex exercícios, aparentemente beócios, regidos pela cogência da vaidade humana.

A vida telúrica é a resultante das guerras e seus hiatos, a dita paz. As lutas, ao dizimarem bestialmente existências de toda ordem, movem as falanges humanas aos limites de suas sobrevivências.

Sobreviver é algo atávico!

Quando se afirma ser o inimaginável depois do amanhã um eterno luzeiro a bruxulear nossas expectativas, frente às cíclicas pandemias e pestes de todo gênero, constatamos que os inimigos não usam couraças,



Máscara pré-colombiana, asteca, alusiva ao Deus do Fogo.

sequer lanças e escudos.

Ameaçam-nos pelos ínvios caminhos da invisibilidade.

Os inimigos usam suas carapaças não detectáveis pelo olhar humano.

As bactérias são unicelulares e os vírus são micro-organismos acelulares, a conformar as pestes pelo mundo, movidos pela transmissibilidade vertiginosa da instantaneidade da globalização.

A propósito da hifenização de “microorganismos” e micro-organismos, termos estratificados pelas temidas normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (AO90), que dividem os imortais escritores e cultores do Idioma de Camões, deixam os pobres mortais, amigos de Fernando Pessoa, a mercê das dúvidas e incongruências.

Verdadeira peste linguística, que somente grassa pelos meandros lusófonos e francos.

As tradicionais pestes não se transmutam mais ao ritmo do andar de cavalo, mas sim à velocidade espacial, a gerar a multiplicação inimaginável das consequências de mortalidade.

Vive-se em redomas, a utilizar máscaras, ditas protetivas. Interessante que, no Antigo Egito, por volta do século VII a.C., o uso das máscaras tinha o condão de afastamento dos maus espíritos; enquanto que, no mundo heleno, eram elas depositadas sobre os rostos dos defuntos, quando do rito de passagem para o outro mundo.

Que mais virá nos dias do Amanhã?

*José Carlos Gentilli é escritor, membro da Academia de Ciências de Lisboa e presidente perpétuo da Academia de Letras de Brasília

Toda teoRIA
tem um LaDO
PRático.
ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br





REFLEXÃO COMO RESISTÊNCIA Homenagem a Alfredo Bosi

Augusto Massi, Erwin Torralbo Gimenez,
Marcus Mazzari e Murilo Marcondes (org.)

Coedição Edições Sesc São Paulo
e Companhia das Letras

Alfredo Bosi é uma das figuras mais importantes da história da literatura brasileira. Homem afável e generoso, afetiva e efetivamente vinculado ao mundo dos excluídos (embora sua modéstia impeça que essa faceta dele seja mais conhecida), cristão progressista e membro da Academia Brasileira de Letras, ele é agraciado com a merecida homenagem prestada neste livro.

Um elenco qualificado de colegas, discípulos, amigos e admiradores de Bosi nos oferece uma análise profunda da pessoa, do pensamento e da obra deste homem que Ecléa Bosi, sua esposa, bem define no poema Retrato como “flor espiritual, flor de silêncio”.

Bosi é um monge das letras, um intelectual engajado, um amigo cordial. Seu sorriso translúcido, sua silente atenção frente ao interlocutor e sua erudição camuflada pelos “olhos redondos e humilhados, represados por lentes”, como o descreve Ecléa, fazem dele um homem singular. Leitor voraz e autor veraz, Bosi nos ensina a reler os clássicos da literatura. Este livro nos revela a profundência de sua vida e obra graças a cartas, artigos e depoimentos de 52 autores e autoras.

Os textos aqui reunidos convidam o leitor a uma cativante visita à biblioteca que preserva o melhor de nossa literatura e cujo guia é o próprio Alfredo Bosi, que amplia o nosso olhar e aprofunda a nossa inteligência sobre tantas obras literárias que marcam indelevelmente o espírito humano.

Frei Betto